

MARISA FONTE  
pelo espírito Álvaro

Vidas  
& Entrelaçadas



Letra Espírita

Copyright © 2021 Marisa Fonte

1ª edição eletrônica: Agosto de 2021

**Capa:** Fernanda Oenning

**Projeto eletrônico:** Gabriela Dias

**Revisão:** Gabriel Gomes

**Ilustrações:** Freepik.com

ISBN 978-65-991432-3-6

### **Vidas Entrelaçadas | Marisa Fonte pelo espírito Álvaro**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização do Letra Espírita.

**Contato e pedidos:**

**[vendas@letraespirita.com.br](mailto:vendas@letraespirita.com.br)**

**(22) 2738-0184**



MARISA FONTE  
pelo espírito Álvaro

Vidas  
& Entrelaçadas

CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2021





*Parte 1*



# Capítulo 1



O sino da catedral batia anunciando as seis horas da tarde: “Hora da Ave Maria”. Ele se lembrava de ouvir a mãe lhe dizendo isso. A tarde estava morna e a lembrança do lar fazia escorrer uma lágrima dos seus olhos cansados de chorar. Já fazia seis meses que se encontrava naquele hospital. Havia meses que não via os filhos, não sentia seus beijos e abraços apertados; não ouvia seus risos e participava das suas brincadeiras. Assim pensando, deixou-se abater por um breve instante, mas logo pensou: “Se Deus quiser, logo estarei ao lado deles novamente”.

Adormeceu, pois os medicamentos o mantinham dormindo por muitas horas. Acordou mais tarde e viu ao seu lado a enfermeira que lhe trazia um chá com biscoitos. Ela sorriu e lhe perguntou:

- Como se sente hoje, Raul?
- Não tão bem, mas certamente estarei melhor amanhã.

Ela sorriu. Tinha carinho por aquele paciente sempre gentil, otimista e bem humorado, que raramente mostrava tristeza e jamais se revoltava, embora nem sempre conseguisse entender o motivo de estar naquela situação, apesar de confiar que Deus nunca o desampararia.

Estela, a enfermeira, via nele um filho de quem, cuidava com extremo desvelo. Ela era uma mulher de cerca de 68 anos, enfermeira aposentada, voluntária, que gostava de oferecer o seu carinho aos pacientes. Era uma mulher pequena e magra, com um largo sorriso, a pele enrugada e os olhos vivos a lhe saltarem do rosto como duas joias brilhantes. Estava sempre alegre e tinha uma fé inabalável de que os desígnios de Deus sempre estavam certos. Todos gostavam de conversar com ela, pois sempre se sentiam renovados na sua presença e fortalecidos por suas palavras.

Raul, que tomava o chá com gosto, conversava com ela sobre o tempo e sobre os filhos, quando de repente perguntou:

- Estela, onde você encontra tanta coragem, tanta disposição e tanta vontade de viver?

Estela olhou para o moço de olhos claros, cabelos ondulados e sorriso largo, que aos trinta e cinco anos de vida já estava desenganado pelos médicos que não conseguiam diagnosticar a sua doença. Por um momento pensou que provavelmente ele jamais chegaria à sua idade e sentiu uma leve tristeza. Tivera a oportunidade de conhecer os filhos dele na sala de espera do hospital e sabia que eram eles o motivo da esperança e da incessante luta para não se deixar abater completamente pela doença.

- Meu filho, é somente em Jesus que podemos encontrar tudo aquilo que buscamos. Credo Nele não nos concentramos naquilo que nos falta, mas sim, encontramos motivos para agradecer por tudo aquilo que recebemos.

Ele simplesmente continuou olhando-a como se esperasse ouvir mais. Ela prosseguiu.

- Todos sofremos, Raul. Entretanto, o sofrimento tem por objetivo fazer com que nós valorizemos coisas que outrora possuímos, mas que não soubemos valorizar.

- Como assim?

- Quantas vezes o Pai nos oferece tudo e nós, simplesmente, desperdiçamos ou não damos o devido valor? Quantos recursos ele

coloca em nossas mãos e nós nem sequer nos damos conta?

- Isto significa, então, que eu estou doente por não haver cuidado direito da saúde? Mas não me lembro de ter sido descuidado assim para me encontrar neste estado.

- Não sei se você acredita ou aceita, mas isso tem a ver com as nossas vidas passadas.

- Os indianos dizem que nós já tivemos outras vidas.

- Eu sou espírita e acredito em reencarnação. Acredito também que nós sempre respondemos pelos nossos erros e que os sofrimentos são uma oportunidade de aprendizado.

- Que interessante, Estela. Nunca olhei as coisas por este lado. Pensando assim, parece que tudo se torna mais claro. Isto é, pode ser que eu nunca tenha feito nada de errado nesta vida, mas sofro hoje em consequência daquilo que fiz de errado para mim mesmo ou para outros. Isto explica também as diferenças entre as classes sociais, e de tudo aquilo que nós vemos e achamos injusto, como pessoas boas que sofrem, crianças órfãs, pessoas boas doentes, jovens que morrem cedo... Gostaria de saber um pouco mais sobre isso.

- Olha, tenho lá no vestiário o Livro dos Espíritos e o Evangelho Segundo o Espiritismo. Vou trazê-los para você. Poderá ler um pouco e amanhã conversaremos sobre o que você aprendeu. Quer?

- Sim, quero, Estela. Somente uma pessoa especial como você poderia me trazer tais conhecimentos.

Estela riu.

- Não, meu filho. Eu só comprei os livros. O codificador da doutrina é o responsável pelos livros. Seu nome é Allan Kardec e, graças ao trabalho dele, temos hoje estas informações tão preciosas. Vamos cuidar da sua higiene que é hora de dormir. Descanse e verá que amanhã será um novo dia, que lhe trará novas esperanças.

Raul adormeceu profundamente, e naquela noite não acordou nenhuma vez. Quando seus olhos se abriram era dia, e os funcionários do hospital já estavam no seu vai e vem diário. Eram

6:30 no seu relógio. Olhou ao redor e pela primeira vez observou seu quarto com atenção: as paredes eram de um verde muito claro, o teto era branco, havia um armário do lado esquerdo e uma janela com cortina branca do lado direito. Abaixo da janela havia uma pequena mesa onde ele fazia as refeições e no canto direito uma poltrona confortável. Nunca o quarto lhe parecera tão aconchegante e até mesmo bonito. Agradeceu a Deus por ter sido acolhido naquele lugar com tanto carinho e sem ter qualquer despesa, pois os médicos que estudavam o seu caso eram gratos pela oportunidade de tentar chegar a um diagnóstico correto, e talvez descobrir uma nova doença. Ao lado da cama, um criado-mudo servia de apoio para que ele se levantasse, e sobre ele havia um abajur. O banheiro pequeno, mas limpo e bem arrumado, ficava em frente à cama.

Levantou-se com dificuldade e dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho. O enfermeiro da manhã encontrou-o cantando e brincou:

- Bom dia, Raul! Está se preparando para participar de um programa de calouros? Vejo que está muito bem hoje.

Ele saiu do banheiro e dirigiu-se à mesa onde o desjejum o esperava. Francisco, o enfermeiro, deu-lhe os remédios da manhã e saiu assobiando. Raul sentia-se disposto e sentou-se na poltrona para ler os livros que Estela lhe deixara. O dia passou rapidamente e, no final do dia, Estela o encontrou ainda lendo na poltrona. Ele estava tão absorto na leitura que nem sequer notou que ela entrara e o observava sorrindo. De repente, sentindo que não estava só, ele levantou os olhos e a cumprimentou sorrindo:

- Boa noite, Estela. Como vai?

- Bem, meu filho. Como passou?

- Muito bem. Aliás, passei o dia inteiro lendo e nem senti o tempo passar. Quantos ensinamentos, Estela! Sabe, às vezes eu pensava que não podia morrer tão moço, pois ainda tinha muito o que viver. No entanto, agora, após essa leitura, eu me pergunto: "Será que essa doença e todo o sofrimento causado por ela não estão ligados a algum fato do passado que por ora eu desconheço? Deus é justo e

bom e jamais nos faria sofrer. Somos nós que procuramos os sofrimentos. Parece que uma cortina se abriu e que agora eu posso ver o horizonte à minha frente. Estela, minha amiga, jamais poderei agradecer por ter me dado a oportunidade de obter tais conhecimentos.”

- A oportunidade foi dada pelo Pai, Raul. Eu somente servi de instrumento.

E assim dizendo, abraçou-o maternalmente. Ele retribuiu o abraço e chorou lágrimas de alegria por haver encontrado tantas respostas em tão pouco tempo. Sentia-se forte para enfrentar o que viesse.

## Capítulo 2



Uma semana se passara. Raul lera ambos os livros, meditando a respeito das palavras ali contidas. À noite, quando Estela chegava, eles conversavam sobre os ensinamentos daquele dia. Dentro do possível, ele se sentia até feliz, pois sabia que os filhos estavam bem, eram saudáveis, e pensava que essas ausências eram a Providência Divina que já habituava todos a uma ausência mais prolongada para o dia em que ele partisse para o Plano Espiritual.

Numa noite, quando Estela entrou, ele lhe disse:

- Estela, minha amiga, Deus de fato escreve certo por linhas tortas. O que seria de mim e da minha família se nós não nos acostumássemos, aos poucos, à ausência que em breve se fará mais prolongada? Estou certo de que todos nós sofreríamos muito mais. Meus meninos são ainda tão pequenos! Eu me preocupo com o futuro deles, mas, por outro lado, agora tenho certeza de que eles não sofrerão senão aquilo que é necessário para que ambos se fortaleçam pela vida afora. E a minha esposa, ainda tão jovem, certamente seguirá vivendo conforme necessário para o seu aprendizado. Não será fácil para eles, pois não temos dinheiro guardado, nem casa própria. Temos uma herança a receber, mas

creio que eles não a receberão a tempo de sanar as dificuldades imediatas. Quanto a mim, só Deus sabe o que me espera. Quem sabe quantos erros eu já cometi e quanto ainda terei que sofrer?

- Não fale assim, meu filho.

- Não se preocupe, Estela, pois isto não me entristece. Nestes poucos dias, eu aprendi que nós só pagamos aquilo que devemos, nem mais nem menos.

Ele sorriu, mostrando os dentes amarelados devido ao vício do cigarro que tivera por muitos anos. Estela respondeu:

- Nisso você tem razão. Nós só passamos pelas provas que nos são necessárias para um maior aprendizado e para o nosso crescimento espiritual. Cada qual haverá de cumprir o que foi determinado para que o seu progresso chegue mais rápido. No entanto, cabe a cada um de nós fazer a nossa parte para que tal aconteça. Da mesma forma que nós não respondemos pelos erros alheios, assim também não podemos culpar os outros pelas nossas falhas. É muito comum as pessoas acusarem-se umas às outras pelos problemas que lhes ocorrem. No entanto, cabe somente a cada um a responsabilidade pelos próprios atos.

- Mas existem aqueles que nos induzem ao erro, não é mesmo?

- Sim. Mas, errarmos ou não, só depende de nós. A escolha entre fazer algo ou não é exclusivamente nossa. Esse é o livre arbítrio que o Pai nos deu: escolhemos o que iremos ou não fazer. Muitas vezes, por escolhermos o caminho equivocado, colocamos por terra planos traçados na Espiritualidade e temos então que retornar para reiniciar as provas mais uma vez.

- É verdade. Jesus deixou claro que a porta estreita é sempre a mais difícil de ser adentrada. Os prazeres do mundo nos induzem ao erro. No entanto, é necessário sermos fortes, perseverantes e não vacilarmos na nossa fé, pois a felicidade do outro lado com certeza é duradoura, ao passo que a felicidade terrena é passageira e, na maioria das vezes, vem acompanhada de dissabores.

- Sim. A pessoa mais espiritualizada encontra felicidade nas coisas

cotidianas como no sorriso de uma criança, na amizade fraterna, no carinho de um animal, numa árvore florida e em tantas outras coisas que nos mostram a grandeza do Pai e o seu amor infinito por nós.

- É verdade, Estela. Muitos, no entanto, preferem se fixar em coisas tristes, na miséria do mundo, em brigas, na violência e outras tantas coisas negativas.

- Mais uma vez vamos nos lembrar do livre arbítrio, pois Deus nos deu o direito de escolher entre contemplar a luz ou as trevas. Isso não significa viver de maneira utópica esquecendo ou ignorando que o mal existe, mas sim que é nosso dever cristão vibrar muito amor pelos que sofrem e são infelizes. Significa, também, fazermos tudo aquilo que estiver ao nosso alcance para minorar os sofrimentos ao nosso redor. Quantos lamentam a fome no mundo, mas não são capazes de oferecer um pedaço de pão àquele que tem fome? Quantos ficam pesarosos pelos enfermos, mas jamais visitam aquele que se encontra em um leito? Deus espera que ofereçamos apoio, compreensão e carinho ao nosso próximo sem julgá-lo, embora saibamos que cada qual passa pela experiência que lhe é necessária.

- Mas isso pode ser modificado, não é?

- Sim. Chegamos ao mundo para passar por determinadas provas, mas nossas atitudes por vezes nos fazem merecedores da misericórdia Divina. Assim, o nosso sofrimento é reduzido ou até anulado.

- Você poderia explicar melhor?

- Por vezes a pessoa vem ao mundo para cumprir determinada missão, mas ela se mostra muito melhor do que se esperava e, com isso, os planos traçados inicialmente se modificam e se abrandam. Por exemplo, alguém que viria ao mundo para sofrer por muitos anos de determinada doença, mas cuja conduta fraterna e de constante progresso faz com que a tal doença nem aconteça. Nesse caso, talvez a pessoa desencarne jovem e não lhe seja necessário passar por todo o processo da doença. Ou, ainda, se a pessoa viveria a vida em estado vegetativo, pode ser que ela fique parálitica, tendo

assim a possibilidade de fazer muitas outras coisas que não seriam possíveis se habitasse um corpo mais enfermo. Como vê, meu amigo, nem sempre as coisas aparentemente ruins são o pior que nos pode acontecer. É claro que cada caso é um caso, e não é certo estabelecer regras como se todos fôssemos iguais. Existem as leis, como a Lei de Ação e Reação, na qual cada ato tem a sua consequência. No entanto, a maneira como as coisas acontecem depende exclusivamente das nossas atitudes.

- Nossa, quanta coisa interessante, não é?

- Sem dúvida. Mas agora é hora de dormir. Venha, vou cobrir você como fazia com os meus filhos quando eles eram menores.

Raul sorriu e obedeceu. Deitou-se, e Estela lhe deu um beijo de boa noite que foi retribuído com carinho. A boa senhora saiu do quarto sem notar os amigos espirituais que lá estavam e enchiam de luz o pequeno aposento, abençoando a Raul e a ela própria com as suas vibrações superiores.

## Capítulo 3



Após os longos meses no hospital, Raul finalmente recebeu alta. “Que bom poder voltar para o convívio daqueles que amo e poder brincar com os meninos mais uma vez até quando me for permitido”. Ele pressentia que seu tempo na Terra seria curto e se entristecia com o fato de ter de deixar os filhos ainda tão pequenos. Aquela seria a sua última noite no hospital e quando Estela entrou, ele lhe contou a novidade e ela imediatamente respondeu sorrindo:

– Já soube pelo Doutor Mendes. Fico feliz que você possa retornar à sua vida.

O sorriso dele se desfez. Olhou nos olhos de Estela e tomando as suas mãos, beijou-as e disse com os olhos marejados de lágrimas:

– Parece que a vida é mesmo um adeus sem fim. Ao mesmo tempo em que me alegro por voltar para casa, fico triste por deixar para trás tantos amigos e principalmente você, que tem sido para mim uma irmã, uma mãe e uma grande amiga.

Estela sorriu da maneira meiga de sempre e abraçando-o, respondeu:

– Fui encarregada de lhe contar a novidade. É claro que só depende de você aceitar ou não.

- Está me deixando curioso.
- Sente-se. Vamos conversar – convidou Estela.

Ambos sentaram-se sobre a cama e Estela continuou:

- O Doutor Mendes acredita que você poderia exercer um trabalho aqui na nossa recepção. O salário não é muito alto, mas ao menos você e sua família estariam assistidos quanto à saúde, e, caso você necessitasse de algo, já estaria aqui mesmo e poderíamos tomar as providências necessárias. Ao mesmo tempo, você estaria próximo dos amigos e estaríamos todos em contato constante.

Raul sorriu e, abraçando Estela como uma criança a quem oferecem um novo brinquedo, falou:

- Nem sei como agradecer! O hospital é pertinho de casa e eu poderei vir a pé. Poderei levar os meninos à escola todos os dias, almoçar com eles e chegar cedo para brincarmos.

- E no final da tarde, se você quiser, poderei passar na sua casa antes de entrar no trabalho para conversarmos um pouco. O que acha?

- Acho ótimo. Veja, Estela, Deus sempre nos reserva presentes maravilhosos e encontra soluções nas quais nós nem havíamos pensado.

- Sem dúvida, Raul. Agora é bom você se deitar, pois amanhã cedinho irá para casa e poderá chegar a tempo de tomar o café da manhã com os seus.

- Estela, nem sei como lhe agradecer por tudo o que tem feito por mim.

Ela sorriu e disse:

- Meu filho, eu não fiz absolutamente nada. Você é que tem me feito ser mais feliz ultimamente. Sabe que eu não tenho ninguém no mundo, então ter você é como ter um filho novamente.

- Nós sempre conversamos tanto, mas você nunca me falou muito de você.

- Olhe, hoje eu quero que você se deite cedo. Amanhã é sábado e eu gostaria que você e sua família fossem jantar comigo. Após o

jantar, posso lhes contar a minha história, que tal?

- Fechado - disse Raul, deitando-se e recebendo o beijo de boa noite que Estela lhe dava todas as noites.

Naquela noite, Raul sonhou que estava no Plano Espiritual e cuidava de pessoas que, como ele, passaram a vida fumando demais. Ao acordar, tinha a nítida impressão de ter estado realmente naquele lugar. Conseguia lembrar-se de detalhes das conversas nas quais eram mostrados slides com fotos de pulmões, gargantas e línguas afetados pelo câncer causado pelo cigarro. Lembrava-se também de alguém falar que fumar é uma forma de cometer suicídio. Imediatamente, decidiu que não fumaria nunca mais e que encorajaria as pessoas a fazerem o mesmo. Olhou no relógio: seis horas. Levantou-se rapidamente, foi se barbear e tomar banho. Queria estar bem apresentável quando chegasse à sua casa.

A pequena mala com os seus poucos pertences já estava arrumada e o seu terno estava no cabide esperando para ser vestido. Arrumou-se rapidamente e tirou uma sacola do fundo do guarda-roupa. Pegou a mala e saiu cumprimentando a todos que encontrava, distribuindo abraços, beijos e sorrisos aos amigos. Parou na padaria e comprou leite e pão quentinho, como fazia quando não estava internado no hospital. Caminhou rapidamente em direção à sua casa e parou em frente ao portão. As roseiras que plantara meses antes estavam lindas e pareciam dar-lhe boas-vindas. Abriu o portão e procurou a chave no bolso do paletó. Abriu a porta e sentiu imediatamente o cheiro de café fresco. Em pé em frente à pia, a sogra preparava o café.

- Bom dia, velha!

Ela virou-se e o abraçou sorrindo.

- Que bom ver você em casa, meu filho!

A sogra havia vindo morar com a família há alguns anos e era uma boa ajuda para cuidar dos meninos, já que a esposa também trabalhava.

- Cadê os meninos?

- Estão no quarto. Acho que ainda estão dormindo.

Raul deixou a mala e a sacola no chão e foi correndo para o quarto. Abriu a porta e ficou observando os filhos: como haviam crescido! Por um instante, sentiu uma leve tristeza ao pensar que talvez ele já não fosse tão importante em suas vidas após tantos meses de ausência. Enxugou uma lágrima que insistia em rolar e abafou um soluço, quando o filho mais velho gritou:

- Papai!

E pulando da cama, agarrou-se em seu pescoço, oferecendo-lhe o abraço mais apertado do mundo.

- Leonardo, acorda! O pai voltou.

Esfregando os olhos, o pequeno pulou da cama e veio se juntar ao abraço. Os três choraram e se abraçaram muitas vezes. Raul sentou-se sobre a cama e colocou um menino em cada perna. Riam e conversavam contando as novidades para o pai.

- Pai, a Cigana deu cria. Tem que ver que beleza de cachorrinhos. Só ficaram dois, pois os outros três morreram logo depois de nascer - dizia Mário, o filho mais velho.

- Pai, um menino quis me bater na escola, mas o Mário não deixou e ainda falou para ele que se quisesse me bater tinha que bater nele primeiro.

Raul a tudo ouvia encantado. Aquelas criaturinhas eram o motivo mais forte para que ele continuasse lutando pela vida. Nas horas mais difíceis, em que a doença o maltratava além das suas forças físicas, ele pensava naqueles rostinhos e crescia dentro dele uma coragem que nem sabia possuir. De repente, a porta do quarto se abriu. Era a sogra que vinha chamar para que viessem tomar o café da manhã.

- Cadê a mamãe? - perguntou Leonardo.

- Está se arrumando. Venham! Vamos tomar café todos juntos, graças a Deus.

A casa estava super limpa e cheia de flores. Tudo havia sido preparado para recebê-lo. A esposa de Raul era muito vaidosa e não

gostava que a vissem mal arrumada, então acordara cedo e desde então se preparava para receber o marido. Logo chegava linda como sempre.

- Raul, meu amor, bem-vindo ao lar!

Abraçaram-se com carinho, e todos foram para a mesa tomar o café da manhã. A conversa transcorreu alegre e animadamente enquanto todos se revezavam para colocar Raul a par das novidades.

- Estela nos convidou para o jantar hoje à noite.

- Que bom - disse Mário. - Será que ela vai fazer alguma sobremesa gostosa para nós? Bem que ela poderia fazer um pudim de pão!

Todos riram e Leonardo comentou.

- Mário é magricelo e come de montão. Eu nem como tanto assim e sou gordinho.

Raul disse com carinho:

- Se fizer exercícios físicos, como o seu irmão, você vai emagrecer. Mas precisa também parar de comer tanto pão.

Leonardo, que já ia se servir de outro pedaço, soltou o pão na hora.

- Filho, você ainda está com fome?

- Não - respondeu o menino.

- Comer mais do que precisa é gula. Vem cá e me dá um beijo - colocando o menino no colo, continuou - venha você também, Mário. Quero abraçá-los muito para recuperar os seis meses de ausência.

Mário riu e foi para o colo do pai, que o beijou, dizendo:

- Muito obrigado por ter cuidado de tudo na minha ausência. Sua mãe me contou que você fez o melhor que pôde para ajudar a cuidar da sua avó, do seu irmão e da sua mãe.

Mário começou a chorar e o pai o abraçou ainda mais forte. O menino foi pegar a mala do pai para esvaziá-la e guardar o seu conteúdo quando viu a sacola. Curioso perguntou:

- Pai, o que tem na sacola?

- São presentinhos para você e para o seu irmão. Algumas

pecinhas de artesanato que fiz para lhes trazer.

Mário colocou a sacola sobre a mesa e chamou Leonardo. Juntos, eles tiraram de lá trabalhos de origami e trabalhos feitos com palitos, todos muito bonitos e bem feitos, evidenciando a paciência de quem os fizera. Os meninos foram ao quarto arrumar os seus presentes sobre uma prateleira. Daquele diante em diante, sempre que recebiam alguma visita, mostravam a todos os presentes que o pai fizera para eles.

O dia transcorreu alegremente. Amigos e vizinhos vieram visitar Raul e lhe trouxeram doces, bolos, frutas, flores e livros. Ele se sentia querido e agradecia ao Pai que lhe permitia receber tanto carinho. Às seis horas, a família se dirigiu à casa de Estela, que já os esperava. Após os cumprimentos, ela convidou a todos para que se sentassem à mesa, pois tudo já estava preparado.

- Vovó Estela, a senhora fez pudim de pão? - perguntou Mário.

Todos riram e ela respondeu:

- Fiz sim. Fiz também pudim de leite, pois o Raul me contou que é o preferido do Leonardo.

Jantaram em clima de comemoração. Após a sobremesa e o café, Estela convidou a todos para que se sentassem na sala onde havia alguns brinquedos para os meninos se entreterem.

- Vão vocês na frente que eu vou dar um jeito na cozinha - disse Marina, a esposa de Raul.

- Não precisa, filha. Amanhã eu ajeito tudo.

- É rapidinho.

- Eu ajudo - disse Dona Vânia, mãe de Marina.

- Bem, vocês é que sabem! Eu agradeço então - disse Estela, vendo que as duas estavam mesmo decididas a arrumar a cozinha.

- Vá descansar um pouco, pois já teve muito trabalho conosco - respondeu Dona Vânia, sorrindo.

Raul ofereceu o braço à Estela e junto com as crianças, eles se dirigiram à sala que era um cantinho aconchegante cheio de flores, com uma pequena sacada e um piano. Os meninos foram logo

pegando os brinquedos que a boa senhora deixava sempre no canto da sala para as ocasiões em que recebia crianças em sua casa. Poucos minutos depois, Marina e Dona Vânia se juntaram a eles.

## Capítulo 4



- Bem - disse Raul, dirigindo-se à Estela - agora que estamos todos reunidos, gostaria de pedir que nos contasse a história daquela pessoa especial.

Estela sorriu e disse:

- Agradeço por dizer que sou especial. Vocês todos são muito especiais também! Encontrei em vocês o carinho familiar que há muito tempo não sentia. A família é uma bênção maravilhosa que o Pai nos oferece e é uma grande oportunidade de crescimento espiritual que nos permite reparar erros, aprender a amar e a perdoar.

Dizendo isso, o semblante sempre alegre de Estela se entristeceu por um breve instante. Raul percebeu e encorajou-a.

- Conte-nos sobre a sua família, então.

- Vou começar pela minha infância. Nasci em um lar cheio de amor e carinho onde éramos sempre muito alegres e amigos. Éramos três irmãos: Gaspar era o caçula, eu era a do meio, e Elsa a mais velha. Tínhamos cerca de um ano e meio de diferença um do outro. Meus pais eram muito bons e se dedicavam muito a nós. Nunca nos faltou tudo aquilo de que necessitávamos e podíamos até nos dar ao

luxo de fazer vários pequenos passeios durante o ano. Meu pai se chamava Argemiro. Possuía um armazém e sempre fora bondoso para com todos aqueles que atravessavam dificuldades. Era compreensivo e nunca deixara de vender qualquer coisa para alguém que não pudesse saldar o seu débito devido a algum problema que estivesse atravessando. Minha mãe se chamava Vilma e era uma mulher bonita, sempre estava sorrindo e não sabia se zangar de verdade. Quando ralhava conosco, era sempre de maneira carinhosa. Nós até caçoávamos do jeito dela por não saber ficar brava durante muito tempo. No entanto, era firme e sabia nos mostrar as verdades da vida, sempre nos ensinando a importância de trabalharmos em prol do nosso aperfeiçoamento moral.

Naquela época, não se falava em cestas básicas, mas hoje vejo que o meu pai as distribuía fartamente. Veio a guerra e todos atravessavam dificuldades. Nós, que nunca havíamos sofrido pela falta de qualquer coisa que fosse, tivemos que viver somente com o estritamente essencial durante esse período. Porém, encarávamos tudo com coragem, fé e com a alegria costumeira. Acreditávamos que Deus não nos desampararia – como de fato nunca desamparou – e graças à misericórdia divina sempre podíamos dividir com o nosso próximo o pouco que possuíamos. Graças a Ele, aquele período de insanidade da raça humana passou. Entretanto, durante aquela época, os meus avós – tanto maternos quanto paternos – desencarnaram e, apesar de sentirmos falta deles e da dor que tão repentina partida em massa nos causava, prosseguíamos na nossa caminhada sempre acreditando que Deus escreve certo por linhas tortas em qualquer situação. Foi nessa época que recebemos uma carta da França de uma prima da minha mãe materna. Seu nome era Adelle.

Clarice – a irmã da minha avó – havia se mudado para a França havia muitos e muitos anos, acompanhando o marido que, embora não fosse francês, era descendente de franceses, falava a língua fluentemente e trabalhava em uma empresa que o enviara para a

França com todas as regalias. Minha tia-avó passou a vida toda por lá e jamais reviu qualquer um de seus familiares, parentes ou amigos, embora escrevesse a todos com frequência. Adelle – a única filha do seu casamento – havia nascido no Brasil, mas partira para a França ainda criança. Ela era uma mulher muito culta e inteligente, e na época em que nos escreveu, estava com quase 40 anos, não tinha filhos e ficara viúva havia alguns anos. O pai morrera havia alguns anos e ela vivera com a mãe enferma até a sua desencarnação. Foi quando nos escreveu dizendo que se sentia muito só em um país estrangeiro, sem parentes e com poucos amigos. Dizia também que gostaria de se mudar para o Brasil e perguntava se nós poderíamos recebê-la por um curto espaço de tempo enquanto se acomodasse na sua nova vida. Ela também perguntava se seria possível conseguirmos uma casa para que comprasse. Minha mãe muito se alegrou com a carta, pois se correspondia com tanta frequência com Adelle que a ideia de estarem mais próximas era quase um sonho.

Logo Adelle chegaria ao Brasil. Nós, as crianças, estávamos eufóricas e fazíamos planos para a sua chegada. Ela moraria conosco enquanto a sua casa – que era nos fundos da nossa - não ficasse pronta. A casa em que ela se acomodaria era arejada e aconchegante. Ali, os nossos avós haviam morado por muito tempo em perfeita harmonia. A entrada era independente e havia um jardim sempre florido graças aos cuidados dos nossos queridos avós. Havia dois quartos pequenos e um quarto um pouco maior que era usado como sala de costura e leitura.

Aquela casa havia sido construída pelos dois avôs para que lá permanecessem até o fim dos seus dias na Terra. Os dois passavam horas jogando dominó e conversando. A cozinha, por sua vez, era o espaço favorito das avós que faziam todo tipo de guloseimas para nós, as crianças. Nós éramos o centro do universo deles e, segundo nos diziam, a sua alegria de viver. Meu pai e minha mãe eram filhos únicos e assim as duas pequenas famílias se uniram com muita força. Nós nunca brigávamos e sempre estávamos sorrindo.

Adelle chegaria no porto de Santos em um sábado, então meu pai confiou a mercearia a um dos seus funcionários, e viajamos um dia antes para lá. Passamos a noite em um pequeno hotel e, para nós, tudo era festa, pois foi a primeira vez que vimos o mar. No dia da chegada, partimos para o porto e logo chegou o navio que era enorme e ostentava a bandeira francesa. Se chamava “Mon coeur”, que significa “Meu coração”.

Reconhecemos Adelle imediatamente, pois já havíamos visto muitas fotos que ela nos enviara. Ela era alta, magra, tinha cabelos longos e ondulados, olhos escuros e era muito bonita. Quando a vi, corri em sua direção, pulei em seu pescoço e a beijei sem parar.

- Estela, que bom poder conhecê-la finalmente! - disse ela, retribuindo os meus carinhos.

- Ei! Dê a vez para os outros também! - Disse mamãe se aproximando de braços abertos e sorrindo.

Um a um, todos nós a abraçamos e perguntamos sobre a viagem. Embora visivelmente cansada, ela a tudo respondia com gentil delicadeza. Fixei meu olhar nela por um momento: achei-a ainda mais linda quando pude ver aquele sorriso franco e luminoso que parecia dar as boas-vindas a todos que estivessem em sua presença.

Nós morávamos no bairro da Mooca, em São Paulo, e para lá nos dirigimos. Mamãe deixara tia Selma - o nosso “braço direito” como mamãe a chamava - encarregada de cuidar para que tudo estivesse pronto quando chegássemos e é claro que ela não nos decepcionou. Ela era uma pessoa muito especial para nós e embora não tivéssemos qualquer laço de sangue, ela era como se fosse da família. Viera mocinha de Minas Gerais e se casara com um bom homem, José, que era pedreiro. Tiveram apenas um único filho que desencarnou ainda na infância. Fazia anos que Selma enviudara e viera pedir emprego para a minha mãe, que na época estava prestes a dar à luz a Gaspar. Minha mãe achou muito providencial a vinda de tia Selma para a nossa casa, pois esta seria de grande auxílio para ela, às voltas com o bebê e a casa, embora as avós sempre estivessem dispostas a ajudar.

Assim, tia Selma se integrou à nossa família, da qual só se desligaria materialmente quando desencarnou.

Quando chegamos, a casa estava cheia de flores e da cozinha a comida exalava um cheiro apetitoso. Logo nos reunimos todos à mesa e conversávamos como se já nos conhecêssemos desde sempre. Em pouco tempo a casa de Adelle estava arrumada e ela nos convidava para almoçar ou jantar com ela regularmente. Eu, que sempre fora muito curiosa, certo dia vi sobre a mesa da sala de estar um livro em francês e perguntei:

- Tia Adelle, que livro é esse?

- É o "Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec.

Minha mãe quis saber:

- Como é esse livro, Adelle?

- É o Evangelho de Jesus com explicações dos espíritos sobre cada uma das partes do Evangelho.

- Pode ler para a gente, tia Adelle? - Perguntei.

- Claro. Após o jantar, está bem?

- Combinado - disse eu, abraçando-a.

Após o jantar, sentamo-nos todos - inclusive tia Selma, que agora morava com tia Adelle - e esta traduziu para nós uma página do Evangelho. A partir daquela noite, nós nos reuníamos diariamente para ler o Evangelho. Minha mãe comprou um exemplar do livro em português, assim revezávamos na leitura. Em pouco tempo, nós terminávamos o livro e decidimos então estudar as outras obras de Kardec.

Os anos foram se passando. Minha mãe, tia Selma e tia Adelle costuravam e bordavam peças para distribuir aos necessitados, e minha irmã e eu as ajudávamos. Gaspar ajudava papai na mercearia e logo éramos todos jovens em idade de nos casarmos. Gaspar foi o primeiro a se casar. Ele era advogado, e sua esposa - Sofia - professora. Logo a família cresceu, pois eles tiveram um filho - Tiago - que era o xodó de todos nós. Logo depois, Elsa casou-se com um próspero comerciante e tiveram quatro filhos. Eu nunca me casei e

passei a vida toda trabalhando, cuidando dos meus pais, auxiliando meus irmãos e sobrinhos.

- Mas, você teve um filho, não teve?

- Na verdade, eu peguei esse menino para criar. Ele era filho de uma das pessoas atendidas no Centro Espírita no qual eu trabalhava. Ela teve complicações no parto e me pediu que cuidasse dele, pois o pai do menino desencarnara havia três meses. As famílias de ambos estavam longe e assim ele ficaria desamparado. A mãe do menino se chamava Ângela, e ela desencarnou após alguns dias do nascimento da criança. Eu fiquei com o menino, cuidei dele como um filho e decidi chamá-lo de Ângelo, já que ele era para mim um anjo, presente de outro anjo. Dessa forma, estaria também homenageando a sua mãe.

Ele era de fato uma criatura muito especial. Estava sempre sorrindo, era grato a mim e aos meus por termos o acolhido com tanto carinho. Ângelo foi muito amado. Era dócil e alegre, sempre ajudava a todos no que lhe era possível, era bom aluno e nunca deu trabalho para nada. Ele foi dentro da nossa família uma luz que brilhou intensamente enquanto esteve entre nós. Ele estava no terceiro ano de medicina, quando certo dia voltou da aula com uma terrível dor de cabeça. Eu o levei ao médico imediatamente, mas nada pôde ser feito: poucas horas depois, ele desencarnou de meningite. Apesar da tristeza dessa ausência física, sempre agradeeci muito ao Pai pela oportunidade que me fora oferecida de ter convivido com essa criatura tão maravilhosa.

- Mas certa vez você me falou que teve outros filhos.

- Bem, esses eram os pequenos órfãos dos quais eu cuidei.

Trabalhei como voluntária em um orfanato por vários anos e os chamava de filhos. Deus me deu a alegria de ver a todos serem bem encaminhados na vida: todos puderam estudar, alguns se casaram e assim cada qual seguiu o seu rumo.

- Mas você não os vê? - perguntou Marina.

- Ah, sim! Alguns sempre vêm me visitar. Outros, que se

mudaram para longe, aparecem vez por outra, mas nunca se esquecem de me escrever.

- Que interessante, Estela, eu sempre pensei em você como uma pessoa solitária.

Estela riu com gosto.

- Eu solitária? Imagine só! Deus me deu a bênção de estar sempre perto de uma das suas criaturas nas mais diversas circunstâncias.

- Mas é que você parece sempre ter tempo para todos.

- Como se não tivesse nada mais para fazer - completou Estela, rindo.

Meio sem jeito, Marina se desculpou.

- Sinto muito, não quis dizer isso.

- Eu sei, filha. É que muita gente pensa que eu não faço muita coisa mesmo.

- Por quê?

- Justamente por eu procurar sempre ter tempo.

Riram todos e, como os filhos estavam dormindo profundamente em seu colo, Raul disse:

- Acho que é hora de irmos.

- Parece que sim - completou Marina.

- Foi muito agradável - disse Vânia. - Sábado que vem quero que venha à nossa casa, vou fazer pastéis para você.

- Não mereço tanto - disse Estela, sorrindo.

- Os amigos merecem tudo e todo o nosso carinho - disse Vânia, abraçando-a.

Despediram-se todos e o silêncio da noite se fez ouvir, sendo somente interrompido vez ou outra pelos latidos dos cachorros da vizinhança.

## Capítulo 5



Era segunda-feira e aquele seria o primeiro dia de trabalho de Raul no hospital. Levantou-se cedo, fez a barba, tomou banho, vestiu seu terno e foi para a cozinha onde a sogra já o esperava para o café da manhã. Logo Marina e os meninos se juntaram a eles e, após o café, todos se despediram e foram cuidar dos seus afazeres. Raul deixou Marina no ponto de ônibus e levou os meninos até a escola, agradecendo ao Pai por poder estar junto da sua família novamente. Saiu assobiando pelas ruas, sentindo o cheiro fresco do ar da manhã. Caminhava sem pressa, apreciando cada cena que via pelo caminho. “Como é bom poder andar pela rua novamente e fazer tudo aquilo que as pessoas fazem sem dar o devido valor, ou fazem reclamando”, pensava ele enquanto seguia na sua caminhada, sentindo-se como uma criança descobrindo o mundo. Nunca a paisagem lhe parecera tão bela! Era primavera, e os pássaros enchiam as árvores e os jardins repletos de flores coloridas. De quando em quando, ele parava para apreciar o festival de cores proporcionado pela natureza, e agradecia ao Pai por estar presente para ver e viver aquele momento. Observando as pessoas, pensava: “Como as pessoas desperdiçam a vida! Poucos param para

contemplar o céu, as flores, falar *Bom dia* e até mesmo sorrir. Talvez, se elas pensassem que este pode ser o seu último instante de vida na Terra, agissem de modo diferente. A vida continua sim, mas o momento passado está definitivamente encerrado. Nada anda para trás: o universo caminha sempre para a frente sem nunca retroceder. Tudo aquilo que ficou no passado não pode retornar; por isso, é necessário nunca deixarmos de fazer o que estiver ao nosso alcance no momento presente”.

E lá ia ele caminhando e refletindo sobre a vida. Chegou ao hospital e pareceu que só naquele instante era capaz de apreciar o lugar. Era um prédio antigo que ocupava boa parte de um quarteirão. Toda a volta do hospital era rodeada por jardins bem cuidados, que davam um ar de alegria ao lugar. No meio do pátio havia uma fonte, e por toda a volta havia bancos brancos de jardim, onde todos podiam se sentar para descansar um pouco. Era comum ver os funcionários do hospital comendo um lanche ou conversando um pouco em seu horário de almoço. Havia lampiões enfeitando o extenso gramado que parecia um tapete verdinho e, na entrada da recepção, um busto do Doutor Sidnei Andrade, que havia fundado aquele hospital havia trinta e cinco anos. “Minha idade”, pensou Raul. Ao entrar, foi imediatamente recebido com sorrisos, abraços e muita festa. Todos o queriam muito bem, pois ele era alegre, otimista e sempre levava uma boa palavra de incentivo a todos.

- Venha, Raul - disse Avelino, um antigo enfermeiro daquele hospital, que lá chegara de cabelos escuros, quando o hospital fora fundado, e agora tinha os cabelos branquinhos como nuvens de algodão.

Raul o acompanhou contente até a recepção onde Arlete, a recepcionista, o abraçou, dizendo:

- Bom dia, meu amigo. O posto é todo seu. Vou ficar com você durante a manhã para lhe ensinar o trabalho e tenho certeza de que vai gostar. Trabalho aqui desde que o hospital foi fundado e já estou aposentada. Ando um pouco cansada, por isso pedi para que a

minha jornada de trabalho ficasse reduzida a somente quatro horas diárias. Dessa forma, todos nós trabalhamos um pouco menos, mas no seu caso e dos outros dois recepcionistas sem alteração no salário. O Doutor Moreira queria me pagar salário integral, mas não achei justo; mesmo assim, minha redução foi de apenas vinte por cento, o que no meu caso não representa uma grande diferença.

Raul observava Arlete enquanto ela falava. Era uma mulher de estatura média, cabelos curtos e grisalhos, olhos escuros e um lindo sorriso. Tinha um pouco mais de sessenta anos. Ela sempre o visitava no final da sua jornada de trabalho e dessa forma ambos haviam se tornado bons amigos. Aliás, todos o visitavam o tempo todo. Talvez pelo longo tempo que havia permanecido no hospital, talvez pela sua disposição em receber bem as pessoas, todos o queriam bem e sempre procuravam vê-lo e agradá-lo. Aquele emprego era uma bênção para ele, sobretudo pelos amigos que lá estavam.



No dia seguinte, ele chegou quinze minutos antes do seu horário de trabalho, que começava às oito e terminava ao meio-dia, o que era muito conveniente pois podia levar os filhos na escola e buscá-los após as aulas. Ao final do expediente, deixou o hospital e caminhou em direção à escola. Esperou um pouco e logo avistou os meninos que correram ao seu encontro, fazendo os seus olhos se encherem de lágrimas, como era bom poder estar novamente ao lado deles! Caminhavam os três de mãos dadas, em direção à casa enquanto os filhos contavam como havia sido a manhã na escola. Todos riam contentes e logo chegaram à pequena casa de portão azul e jardim florido.

Na cozinha, dona Vânia já os esperava com o almoço cheiroso.

- Hum... que saudade da sua comidinha, velha! - Ele a beijou e

deu um abraço bem apertado.

- Que saudade de você, filho - disse ela, comovida.

Ele sempre a chamara carinhosamente de "velha" e ela achava graça no apelido.

- Vamos todos lavar as mãos e o rosto para almoçar a comida da vovó - disse ele.

- O último que chegar tem cabeça de bagre - disse Mário, provocando Leonardo, que já ficara para trás.

- Seu bobão - disse Leonardo, fazendo um muxoxo.

- Vamos parar com isso - interveio Raul. - Não precisa ser tão apressado, Mário. Vamos nos sentar à mesa com calma e almoçar agradecendo a Deus não só pelo alimento, mas também pela oportunidade de estarmos todos juntos.

Mário e Leonardo abraçaram o pai e se abraçaram também, rindo bastante. E assim, almoçaram os quatro em meio a muita alegria. Após ajudarem dona Vânia a arrumar a cozinha, Raul e os meninos foram fazer a lição de casa. Quando terminaram, os meninos foram brincar e Raul foi ler enquanto dona Vânia descansava um pouco. Às cinco horas, ele chamou os meninos:

- Venham tomar banho, pois a mamãe logo chega do trabalho.

- Vamos ficar bem bonitos para a mamãe. Venha, Mário! -

Convidou Leonardo.

- Papai, pode esfregar as nossas costas? - Perguntou Mário.

- Claro, vamos! - disse Raul, acompanhando os dois garotos.

- Vou fazer uma sopa e uns bolinhos de arroz para o jantar. - disse dona Vânia.

- Vó, tem sobremesa?

- Sim, comprei laranjas fresquinhas para o jantar.

Às seis horas, a porta se abriu e Marina entrou sorrindo.

- Olá! Como estão todos?

Os meninos correram para abraçá-la.

- Que saudade, mãe! - disse Leonardo.

- Eu também senti falta de todos vocês. - disse ela, abraçando e

beijando cada um. – Que cheirinho gostoso! Aposto que é sopa de feijão.

– Acertou. – disse dona Vânia.

– Vou tomar um banho e já volto.

Jantaram alegres, e todos conversaram muito, contando sobre o dia que haviam passado. Após o jantar, os meninos arrumaram a cozinha enquanto dona Vânia fazia um chá. Foram todos para a sala conversar. Às nove horas, Marina falou:

– Vamos colocar o pijama e escovar os dentes que é hora de dormir.

– Ah, é cedo – disse Mário. – Deixe a gente ficar mais um pouco.

Raul olhou para Marina, que acenou um “sim” com a cabeça.

– Vamos colocar o pijama e escovar os dentes e aí vocês podem ficar na sala conosco mais um pouquinho.

– Oba! – Gritaram os dois juntos.

Sentaram-se os quatro no sofá, e dona Vânia sentou-se em sua poltrona favorita. Não demorou para que os meninos adormecessem no colo dos pais.

## Capítulo 6



Os dias transcorreram alegres e rápidos. A rotina da família era o que eles mais prezavam. Certo sábado à noite, Estela viera visitá-los e conversavam após o jantar, quando Raul perguntou:

- Estela, nós andamos conversando aqui em casa e gostaríamos de conhecer o Centro Espírita que você frequenta.

- É mesmo? Será um prazer levá-los comigo. Vou todas as sextas às oito horas. Os meninos podem participar das aulas de evangelização.

- Que é isso, vovó Estela? - Perguntou Leonardo, sentando-se em seu colo.

- São aulas onde as crianças aprendem sobre o Evangelho. São contadas histórias sobre Jesus e as suas obras, e todas as crianças conversam sobre o assunto estudado na reunião daquela noite.

- Oba! Eu adoro histórias - disse Leonardo.

Mário falou:

- Mas eu sou muito grande para ficar numa sala cheia de criancinhas.

Sorrindo, Marina comentou:

- Olha só quem pensa que é adulto! Só porque ficou cuidando da

casa na ausência do pai pensa que não é mais criança.

Todos riram, e Estela explicou:

- As crianças são separadas por faixa etária, como na escola. Os menores ficam com os menores, e os mais velhos com os mais velhos. Assim, temos diversas salas. Nós sabemos que o ensinamento deve ser gradual e, por isso, de um modo geral, nós separamos as crianças por idade.

- Por que de um modo geral? - Perguntou dona Vânia.

- Existem crianças que trazem consigo uma grande bagagem de conhecimento. Para elas, é muito fácil aprender sobre a vida espiritual e muito natural aceitar os fatos sobre o assunto. Portanto, seria perda de tempo deixarmos essas crianças estacionadas simplesmente por serem ainda jovens na vida corpórea.

- Como isso é possível? - Indagou Marina.

- Bem, o espírito é antigo e já teve outras encarnações. Assim, tudo aquilo que foi aprendido em outras encarnações pode vir à tona na encarnação presente. Há uma garota que frequenta o nosso centro que, com apenas 11 anos de idade, já leu muito mais livros espíritas do que outros adultos de 60 anos ou mais. Se Deus quiser, ela estudará as obras básicas com afinco, pois acreditamos que ela possa se reunir conosco para alguma tarefa no futuro, como palestrante, evangelizadora, na câmara de passes ou simplesmente colaborando na realização de pequenas tarefas, pois todo auxílio é necessário e bem-vindo.

- Como é interessante tudo isso! - Exclamou Raul. - Depois que entrei em contato com a doutrina minha maneira de ver as coisas mudou totalmente, pois hoje sei que para tudo há uma explicação e uma causa. Mesmo nas horas de dificuldade, encontramos nela o consolo do qual necessitamos para viver com mais alegria e esperança.

- Por isso a doutrina é o Consolador prometido por Jesus.

Conversaram mais um pouco, e logo Raul acompanhava Estela à sua casa, que ficava perto dali.



A sexta-feira chegou e, no horário combinado, todos se encontraram. O Centro era um lugar limpo, claro e arejado, onde se podia ouvir o som de uma música suave desde a porta de entrada e o perfume das flores inebriava o ambiente, pois um lindo jardim colorido saudava aqueles que lá chegavam. Havia um corredor com iluminação discreta que levava para as salas de aula. Mário e Leonardo foram logo apresentados às suas professoras e colegas, e em poucos minutos estavam entrosados ao ambiente.

O salão onde haveria palestra era amplo e podia-se ver um lindo quadro do Mestre Jesus à frente, no centro da parede. As câmaras de passe ficavam próximas ao salão e o ambiente como um todo era muito acolhedor. Estela logo os apresentou à Rosa, que era a dirigente daquele centro. Ela tinha cabelos grisalhos, aparentava ter pouco mais de sessenta anos, era alta, magra e tinha uma doçura muito grande no olhar.

- Bem vindos! Estela já havia me falado da família que ela ama como sendo a sua própria. Onde estão os meninos?

- Nas salas de Evangelização - respondeu Raul.

- Que bom! Logo mais irei vê-los. Chamam-se Leonardo e Mário, não é mesmo?

- Poxa - riu Marina. - Ela falou mesmo de nós, não?

- Muito. E me disse também que você sente muitas dores de cabeça, não é?

- É verdade. Acho que é falta de descanso.

- Depois veremos isso com mais cuidado. Vocês já conheceram a nossa biblioteca? Há muitos livros interessantes que podem auxiliá-los a aprender um pouco mais sobre a doutrina.

- Gostaria de ir até lá - disse dona Vânia.

- Vamos então - disse Rosa. - Estela poderá orientá-los na escolha dos livros. Enquanto isso, vou ver os seus meninos.

Chegaram à biblioteca e examinaram alguns livros, escolhendo por fim três, para que cada um pudesse ler o seu. Nesse meio tempo, Rosa foi conhecer Mário e Leonardo e logo se encantou com a vivacidade de Leonardo e a seriedade de Mário, que parecia mais um mocinho, pois era bastante maduro para a sua idade. Em seguida, Rosa os convidou para receberem o passe. Dentro da Câmara, crianças, adultos e pessoas doentes do corpo e do espírito receberam o passe, e saíam do centro mais confortados, permanecendo assim por toda a semana ou não, conforme a sua atitude e a sua vontade de melhorar. Às 8 horas, começaram os outros trabalhos. As crianças nas salas de Evangelização faziam algazarra, mas logo se calaram para acompanhar a prece e ouvir e comentar sobre os ensinamentos de Jesus.

No salão, após uma comovida prece, começava a palestra da noite. O tema era “A caridade”. Todos prestavam atenção, e a palestrante era envolvida pelos amigos do Plano Espiritual para que não se esquecesse de falar tudo aquilo que era importante a fim de auxiliar os presentes que vinham em busca de conhecimento e de auxílio. Alguns se comoviam com aquilo que ouviam, outros se sentiam profundamente tocados e eram chamados a refletir sobre a sua postura perante o assunto. Enquanto no Plano Material a palestra transcorria serena, no Plano Espiritual os trabalhadores desencarnados auxiliavam encarnados e desencarnados nas mais diversas situações, que vinham espontaneamente em busca de auxílio, ou que eram trazidos para receber ajuda. As pessoas, de um modo geral, não fazem ideia de tudo quanto se passa dentro de um Centro, da troca de energia e de quanto auxílio é ministrado durante os trabalhos. Muitos lá comparecem até um pouco entediados, ou para cumprir uma obrigação. Se soubessem o quanto podem doar e o quanto recebem em tais situações, certamente mudariam de atitude e iriam até com mais vontade participar desse “banquete espiritual”.

Ao fim dos trabalhos, Raul e sua família levaram Estela para casa e

lá tomaram chá com um bolo que ela já havia preparado, pois sabia que os meninos sentiriam fome na volta. Logo a família chegava à sua casa e naquela noite todos adormeceram pensando em tudo o que haviam aprendido.

### ***Nota do autor espiritual***

*Existem pessoas que fazem tratamentos espirituais e não sentem nenhuma melhora por que não basta ir ao Centro e receber o Passe Espiritual. É necessário que elas mudem de atitude e se empenhem na sua reforma íntima, a fim de que suas vibrações possam atrair espíritos que vibram na mesma sintonia.*

*Frequentar o centro e não se modificar poderia, grosseiramente, ser comparado a tomar um banho diário sem nunca trocar de roupa: o corpo fica limpo por um breve instante, mas não se mantém assim por não receber as condições necessárias para tal.*

## Capítulo 7



As semanas transcorreram alegremente e cada novo dia era celebrado como um dia de festa, pois representava mais uma oportunidade oferecida pelo Criador para que aqueles corações que se amavam ficassem reunidos por mais algum tempo. Um ano inteiro se passara desde a saída de Raul do hospital e cada vez mais a família aproveitava os pequenos momentos e as pequenas alegrias do seu cotidiano. Frequentando o Centro, todos tiveram a chance de aprender a valorizar cada instante da vida como se fosse o último e, assim, nunca os momentos que compartilharam foram tão alegres e bem aproveitados. Já não se deixava para amanhã o abraço que se queria dar hoje, enquanto as palavras de carinho e encorajamento eram constantes e todos procuravam usufruir da presença de Raul tanto quanto possível, pois sabiam que ele partiria em breve.

A rotina significava para todos a oportunidade de exercitarem os ensinamentos adquiridos por meio dos estudos evangélicos e colocar em prática aquilo que aprendiam. Fora um ano muito bom, pois haviam crescido espiritualmente e a saúde de Raul, se não melhorava também não apresentava piora. Naquele ano, com o trabalho de Raul no hospital, conseguiram fazer algumas melhorias

na casa e até guardar um pouco de dinheiro. Como o hospital oferecia um plano de saúde, Raul recebia o tratamento adequado quando se fazia necessário.

### ***Nota do autor espiritual***

*Convido o leitor amigo a refletir sobre tal situação. É comum correremos de um lado para o outro, sem por vezes nem nos darmos conta do que estamos fazendo. É necessário desempenharmos a parte material, e sempre da melhor maneira possível. No entanto, não podemos nos esquecer, em momento algum, que poderemos ser convidados a “mudar de endereço” de uma hora para outra e sem aviso. Faz-se necessário, portanto, que evitemos todo tipo de desarmonia e que aprendamos a praticar a caridade em todos os momentos da nossa existência. Certamente tal atitude evitará muitos dissabores no futuro, pois embora cada dia da nossa vida seja um novo recomeço, estejamos nós encarnados ou desencarnados, nada nos permite voltar no tempo.*

*Embora seja sempre possível reparar erros, é sempre melhor que nós o façamos no momento presente, sem nunca esperar por um amanhã que não sabemos quando chegará. Para que esperar anos, décadas, talvez séculos para abraçar aquele a quem ofendemos ou que nos ofendeu? Procuremos sempre viver como se fôssemos partir no momento seguinte. Que o Mestre Jesus nos abençoe!*

Um dia, ao voltar para casa, pensava em como era bom poder receber tanto do Pai. Olhava para o céu azul, observava os pássaros e pensava que Deus realmente faz tudo certo e maravilhoso. Ele, que jamais se revoltara com a doença, tinha agora a certeza de que se estava enfermo havia motivo para tal e agradecia a oportunidade de poder reparar erros junto a tantos corações amados. Chegou à escola

onde fora apanhar os meninos e, assim que o viram, ambos vieram ao seu encontro. Leonardo, como sempre, corria e abria os braços, enquanto Mário apertava o passo e ao se aproximar o abraçava com carinho. O mais velho já estava crescido e já não corria ao seu encontro, pois quando o fazia os colegas caçoavam dele. Raul compreendia a atitude do filho e pensava “Já está um rapazinho. Obrigado, Senhor, por ter permitido que eu os visse chegar até aqui.” Às vezes, vinha um pensamento de tristeza, pois ele não os veria adultos e jamais brincaria com os netos. Porém, reagia a tais ideias e rogava ao Senhor que lhe permitisse trabalhar e velar pela família de onde estivesse. “Sempre haverei de visitá-los quando tiver desencarnado e farei tudo o que puder para auxiliá-los. Afinal, a morte não existe e nós não nos separamos daqueles a quem amamos.”

- Pai, não está escutando? - disse Mário, despertando o pai dos seus pensamentos.

- O que foi? Ah, me desculpe, filho. O que disse?

- Semana que vem é meu aniversário - repetiu Mário.

- Eu sei, filho. Como gostaria de comemorar?

- Queria levar um bolo para a escola.

- Está bem. Só isso?

- Não. Eu queria também que nós fossemos fazer um piquenique.

Nós e a vovó Estela. Será que podemos ir ao Jardim Zoológico?

- Que presente você vai pedir? - Perguntou Leonardo, interrompendo o irmão.

- Se for possível, este é o presente que eu quero - respondeu Mário de olhos fixos no pai.

- Que presente original! Combinado então. O que vamos levar?

- Bolo de chocolate - respondeu Leonardo.

- Frutas - corrigiu Mário. - Ah! E aquela torta salgada que a vovó faz como ninguém.

Assim que entraram em casa, os três contaram a novidade para dona Vânia, que foi logo ajudando a completar o cardápio para o

piquenique. Quando Marina chegou, puseram-na a par da novidade. Ela, alegre, disse:

- Vamos ao zoológico no sábado e no domingo fazemos um piquenique.

- Mas eu queria fazer o piquenique no zoológico - disse Mário.

- Ah, é? Então está bem, lá existe um local apropriado para isso. Vai ser divertido.



O dia do piquenique chegou. Era setembro, o céu estava azul e o sol morno. Havia uma brisa agradável que deixava a temperatura amena. Chegaram cedo ao zoológico e passearam por todo aquele espaço, observando cada animal.

- Eu não queria ficar trancado na jaula - disse Leonardo, fazendo um muxoxo.

- É. Não deve ser um sentimento agradável. Por outro lado, eles são bem tratados e muitas espécies que poderiam estar extintas se reproduzem dentro do zoológico, o que talvez não fosse possível na natureza. Eles já estão condicionados a essa vida, embora saibamos que muitos foram retirados do seu habitat natural e separados da sua família - comentou Marina.

- É assim quando a gente morre, não é? - Perguntou Leonardo.

Percebendo que aquele comentário poderia nublar a alegria que reinava entre eles, Raul pegou Leonardo no colo e disse:

- Filho, quando partimos para o mundo espiritual é como se nós fôssemos viajar. Ficamos momentaneamente separados dos nossos entes queridos, é verdade. Mas, por outro lado, se tivermos vivido segundo os ensinamentos de Jesus, encontraremos rapidamente oportunidades de trabalho e de progresso espiritual, o que fará com que possamos visitar todos que ficaram na Terra. Não estaremos presos do outro lado da vida.

- Só se estivermos no umbral, não é? - Perguntou Mário.

- Existem aqueles que ficam confinados em determinados lugares sim. Mas, não devemos nos esquecer que quando a criatura se arrepende e pede auxílio ela é libertada pelos nossos amigos espirituais. Não temam a morte e nem a vida, pois nós só recebemos de acordo com as nossas necessidades e a nossa própria vibração. As adversidades são também uma bênção, pois nos ajudam a evoluir.

- Pai, estou com fome - disse Leonardo, mudando o rumo da conversa.

Todos riram e caminharam até a área de piquenique. A mesa foi arrumada com capricho e logo estava montada a mesa mais linda de piquenique que um aniversariante poderia desejar. Nem as velinhas foram esquecidas. Mário estava feliz e recebeu beijos, abraços e palavras carinhosas de todos. A surpresa maior foram os presentes: um carrinho de Leonardo, que juntara moedinhas para comprá-lo, um livro da vovó Vânia, outro da vovó Estela e um envelope com dinheiro de Raul e Marina, para que ele comprasse sapatos ou uma roupa. Mário não cabia em si de tanta alegria. Chorou, pois achou aquele acontecimento a festa mais linda do mundo.

Após guardar as sobras do piquenique no carro, eles passearam mais um pouco pelo zoológico e no meio da tarde voltaram para casa. Conversaram até o anoitecer, quando então levaram Estela para casa. Naquela noite, Raul pressentiu que estava acontecendo uma preparação para a sua partida, mas em vez de se entristecer, agradeceu mais uma vez ao Criador que lhe permitia ter dias tão especiais junto das pessoas que ele mais amava.

No quarto, Raul conversava com os meninos sobre tudo o que tinha acontecido naquele dia. Antes de adormecer, Leonardo pediu:

- No meu aniversário, também quero um piquenique.

- Claro, filho - disse Raul, desejando estar presente para poder atender ao pedido do filho.

## Capítulo 8



Certo dia, ao acordar, Raul sentiu que aqueles seriam seus últimos dias de vida terrena. Certamente, ele logo partiria para o mundo espiritual. Com o coração triste, mas sempre confiante na extrema bondade do Pai, agradecia por tantos momentos de carinho e de alegria em meio a seres que ele amava, desfrutando do carinho e do convívio de tantos por quem tinha afeição. Com a certeza da continuidade da vida, embora se entristecesse ao pensar na separação, ele se sentia mais conformado em saber que nunca estariam separados, pois o amor é o grande elo que une os seres que se amam. Olhou para o relógio. Eram sete horas da manhã. “Estou atrasado”, pensou. Já ia se levantar apressado quando lembrou que era domingo. Interrompeu o gesto e olhou para a esposa que ainda dormia. “É ainda jovem e tão bonita. Certamente, não lhe faltarão pretendentes.” Mesmo sentindo uma ponta de ciúme, pediu: “Seja lá quem for que fique em meu lugar, Senhor, permita que cuide dos meus meninos como eu cuidaria se pudesse.”

Não suportando a saudade que já sentia, deixou que as lágrimas escorressem abundantes dos seus olhos. Poucos minutos depois, ouviu um barulho na cozinha; certamente dona Vânia já estava

preparando o café. Viu então que Leonardo estava à porta do quarto. Acenou para o menino que logo veio pular em cima dele, cobrindo-o de beijos. Apertou o filho nos braços com força e retribuiu os seus beijos. Logo chegava Mário, e Marina acordava para participar da folia. Ouviram dona Vânia se aproximar:

- Bom dia a todos! Já estou arrumando a mesa para o café.

- Vou comprar pão e leite. Quem me acompanha? - Perguntou, olhando para os filhos.

- Eu! - Gritaram os meninos numa só voz.

Pouco depois, estavam os três na rua caminhado em direção à padaria.

- Papai, será que quando a gente morre fica pendurado nas nuvens? - Perguntou Leonardo.

Raul não pôde deixar de rir do comentário do filho.

- Que burrice, Leonardo. Nós já aprendemos que existem outros mundos onde as pessoas moram - disse Mário ao irmão.

Raul parou de andar. Agachou-se e disse aos meninos:

- Filhos, não desrespeitem um ao outro jamais. Não devem se ofender, pois isso mostra falta de consideração e de educação. Quando eu não estiver mais aqui, vocês terão que cuidar de tudo sozinhos e se brigarem não poderão viver de maneira harmoniosa. Não é possível haver harmonia onde há ressentimentos. As palavras ásperas acabam fazendo com que aquele que as recebe se sinta inferiorizado e humilhado. Ninguém gosta de ser ofendido e mesmo aqueles que dizem não ligar, lá no fundo, ficam aborrecidos com tal atitude.

- Desculpe - disse Mário, abraçando Leonardo que chorava.

Leonardo se deixou envolver no abraço e Raul abraçou os filhos.

- Assim é que se faz - comentou. - Agora vamos, pois a mamãe e a vovó nos esperam.

Puseram-se a caminhar até que Mário quebrou o silêncio.

- Pai, não fale em morrer.

- É preciso encarar a realidade, filho. Vocês sabem que meu tempo

aqui é curto, mas sabem também que não nos separaremos jamais.

Os três se olharam com profundo carinho. Mesmo jovens, os meninos sabiam que o pai tinha razão. Não adiantava tentar ocultar o fato de que Raul ainda não havia partido pela bondade do Pai, mas que tal não tardaria a acontecer. Logo voltaram para casa e a refeição matutina transcorreu alegre como sempre. Em certo momento, Leonardo perguntou:

- Papai, mês que vem nós vamos fazer um piquenique?

Raul ficou olhando para o menino, que continuou:

- Prometeu que no meu aniversário faríamos um piquenique - disse, fazendo beicinho.

Raul riu da carinha do menino, que sempre fazia aquela caretinha quando achava que seria contrariado.

- Claro, filho. Mas antes temos que pensar no Natal e no Ano Novo.

- O Ano Novo traz o dia do piquenique.

Todos riram. O aniversário de Leonardo era no início de janeiro então seria logo após as festas.

- Eu vou pedir ao Papai Noel que me traga uma bola e um carrinho.

- Eu quero ganhar livros - disse Mário.

Terminaram a refeição e todos ajudaram a tirar a mesa.

- Vamos começar a preparar o almoço, pois hoje quero fazer nhoque - disse dona Vânia. - Vou fazer também pudim de pão para o Mário.

- Eu descasco as batatas e depois vou brincar com os meninos - disse Raul.

- Eu ajudo a senhora - disse Marina.

- Estela deve chegar lá pelas onze horas - disse dona Vânia.

Na hora combinada, Estela chegava trazendo doces para os meninos, que a receberam com beijos e abraços. O domingo transcorreu alegre e tranquilo. Para Raul, cada novo dia representava motivo de muita alegria, pois ele o passara junto aos

seus.



O Natal se aproximava e Raul sabia que aquele seria o último daquela encarnação. Sentia-se fraco e cansado, mas não tirava o sorriso do rosto. Fez questão de ajudar a preparar a ceia e a casa foi enfeitada com carinho e capricho. Queria que aquele Natal fosse inesquecível para todos.

Quando chegou a véspera, em meio a orações e alegria, comemoravam a chegada do aniversário de Jesus. Foi um dia alegre e a casa ficou movimentada com a presença dos tantos amigos que vieram abraçá-los e trazer presentinhos para os meninos, que não cabiam em si de tanta felicidade. Podia-se notar que Raul estava um pouco abatido. Talvez por isso, todos queriam aproveitar a oportunidade para visitá-lo, pressentindo que não lhe restava muito tempo. O dia do Natal e o Ano Novo foram também alegres e parecia que todos, a seu modo, já se preparavam para a despedida.

O aniversário de Leonardo seria na quinta-feira após o Ano Novo e Raul pediu o dia de folga no hospital para aproveitá-lo com a família, pois estava certo de que não comemoraria mais nenhum aniversário do filho dessa mesma forma. O menino, por sua vez, estava radiante.



Janeiro acabou e fevereiro encontrou Raul ainda mais fraco e abatido. Os médicos acharam então que seria melhor interná-lo, pois no hospital receberia o tratamento necessário para, quem sabe, prolongar um pouco mais os seus dias. Dessa vez, a sua internação durou pouco, pois ele sabia que no fundo os médicos não queriam privá-lo do convívio com a família.

Raul foi liberado do trabalho pelos médicos, mas recebia o seu salário como se estivesse trabalhando normalmente. Foi também providenciada a sua aposentadoria, a fim de que ele recebesse um salário adicional. Os médicos vinham visitá-lo quase diariamente e agora ele estava tão fraco que quase não conseguia mais andar, pois se cansava rapidamente. Mesmo assim, não perdia o sorriso, a fé e a confiança de que Deus não desampara ninguém. Sentia-se feliz por tudo quanto recebera do Criador. Em abril, seria seu aniversário e a família preparou-lhe uma festa surpresa, que ele sabia ser também uma despedida. No entanto, recebia tudo com carinho e gratidão por tanta demonstração de afeto e amizade.

Continuaram a ir ao Centro, onde recebiam forças e ensinamentos para suportarem a dor com resignação. Os médicos não conseguiam entender como Raul resistia tanto. “Qualquer outro em seu lugar já teria morrido”, diziam. “É a sua vontade de viver cada minuto que lhe resta que o prende aqui”, comentavam alguns amigos. “Nunca vi alguém tão conformado perante a morte”, diziam outros.

Sem poder trabalhar e sem forças para fazer muita coisa, Raul lia livros e mais livros. Aprendia muito e cada vez mais se resignava com a sua partida, com a saudade e com o sofrimento físico que experimentava.



Julho chegara e com ele o aniversário de Marina. Nos últimos meses, ela se dedicava a ele com muito mais carinho e com uma força que ele nem sabia que ela possuía. Talvez até ela mesma desconhecesse o quanto era capaz de suportar. Nunca reclamava de nada, estava sempre sorrindo e demonstrava alegria mesmo nas horas de maior dificuldade. “Ela parece mais amadurecida e possui a dignidade das almas nobres que deixam tudo o mais de lado para ficarem junto daqueles a quem ama. Neste caso, é a mim que ela se

dedica todo o tempo”, pensava Raul.

Rapidamente chegou setembro, o mês dos aniversários: Estela, dona Vânia e Mário. Naquele ano, resolveram fazer uma festa coletiva para o trio, pois tudo era motivo para aproveitarem a companhia de Raul e lhe trazer alguma alegria. Cada vez mais fraco, ele passava dois dias no hospital e voltava para casa sempre mais abatido. Mesmo assim, não perdia a alegria, o bom humor e o sorriso. Conseguia ser espirituoso e brincalhão mesmo não se sentindo bem.

Em outubro, Raul estava pele e osso. A diarreia constante, anos e anos a fio, consumia-o a olhos vistos. Ninguém, em tantos anos, conseguira descobrir o que a causava. Ao mesmo tempo, o diabetes mostrava também suas consequências. Seu estado geral era gravíssimo e os médicos avisaram que o fim estava muito próximo. Agora, ele ficava mais na cama do que em qualquer outro lugar. Os amigos do Centro vinham diariamente fazer preces com ele e lhe aplicar passes.

Certa noite, ele pediu que todos se reunissem após o jantar e que Estela estivesse presente.

- Meus queridos - disse ele com voz fraca. - Está quase na hora de partir. Quero apenas lhes pedir que continuem juntos e que sejam sempre unidos. Quero que cada qual siga o seu caminho na busca da própria felicidade e na felicidade do outro, como temos feito até aqui. Marina, se você encontrar alguém para se casar novamente, não pense que estará me traindo. Só peço que não deixe jamais ninguém maltratar os meninos.

- Nunca vou me casar - protestou ela.

- Não diga nada. É jovem e as coisas mudam. Nós mudamos. Tudo o que peço é que jamais se distanciem do caminho do bem e que sejam felizes. Cuidem uns dos outros. Estela, dona Vânia, vocês são como mães para todos nós. Continuem cuidando dos meus, que certamente eles cuidarão de vocês mais tarde. Meus filhos, nunca se esqueçam da conversa que tivemos naquele dia quando fomos à

padaria. Cuidem da mamãe e das vovós quando vocês crescerem, pois elas cuidarão de vocês o melhor que puderem. Nunca permitam que coisa alguma ou alguém venha a separá-los. Não deixem de confiar em Deus e de amar o Mestre Jesus. Lembrem-se todos de que nós não estaremos separados para sempre, mas sim por algum tempo. Quando estiver no Plano Espiritual, farei tudo que estiver ao meu alcance para estar com vocês sempre que me for permitido.

Todos choravam e se abraçavam. No início de novembro, Raul desencarnava deixando saudade e, também, uma mensagem de fé e coragem. Ele partira, mas as sementes de esperança que plantara nos diversos corações haveriam de florescer.

## Capítulo 9



Após a partida de Raul, todos os amigos e conhecidos procuravam consolar a família, pois ele havia, de fato, deixado um grande vazio. A saudade que ele deixara nos corações era muito grande e todos sentiam falta das suas conversas e da sua alegria. No entanto, a lembrança dos seus atos e da sua vontade de viver da melhor maneira possível cada dia que lhe era ofertado dava força e coragem a tantos quantos desfrutaram de sua amizade e do seu convívio.

Os meses foram passando e tudo seguia seu rumo normal. A família e Estela continuavam indo ao Centro, fazendo o Evangelho no Lar e se reunindo sempre para conversar e passear, até o dia em que Estela começou a adoecer. Embora não fosse tão idosa, seu corpo enfraquecera e ela já não conseguia fazer muitas coisas sem auxílio. Dona Vânia, Marina e os meninos ajudavam em tudo o que podiam, mas não gostavam de deixá-la sozinha. Certo dia, quando voltavam de uma das visitas à Estela, Mário disse:

- Mamãe, por que não convidamos a vovó Estela para morar com a gente? Ela precisa de nós, e nós somos os únicos que estão perto dela. Ela possui alguns parentes afastados, mas todos moram em outras cidades e, embora a tratem bem, ela com certeza não gostaria

de viver com pessoas com as quais não tem tanta intimidade. É muito difícil sair da própria casa para ir morar com pessoas que, embora nos sejam caras, não são íntimas. Principalmente em caso de doença.

Marina parou de andar e abraçou o filho com carinho.

- Quanta coisa certa você disse, meu filho. O que vocês acham, mamãe e Leonardo?

- Eu adoro a vovó e gostaria muito que ela viesse morar conosco - disse Leonardo.

- Estela é uma grande amiga e nós temos espaço sobrando. Poderíamos até mesmo colocar alguns dos móveis de Estela em nossa casa. Se Estela quiser, posso dividir o quarto com ela, ou então você divide o seu comigo.

- Deixemos que ela escolha. Afinal, está acostumada a morar sozinha e talvez nem aceite o nosso convite.

- Por que, mamãe? - Perguntou Leonardo. - Ela gosta tanto da gente!

- Claro que gosta, filho. Mas é diferente morar sozinho e morar com outras pessoas. Vamos combinar, desde já, que não haveremos de ficar magoados caso ela decida continuar na própria casa.

Todos concordaram, mas voltaram para casa fazendo planos e combinaram conversar com Estela no dia seguinte, quando ela viesse almoçar com eles como, aliás, fazia todos os domingos.

Mário e Leonardo tinham ido buscá-la em casa para que ela não andasse pela rua sozinha. Apesar da sua debilidade, Estela gostava de caminhar, mesmo lentamente e parando a todo instante. Seu coração estava fraco e ela não devia fazer grandes esforços. No entanto, caminhar lhe fazia muito bem, ela dizia. Almoçaram e após o almoço, foram para a sala conversar. Marina começou:

- Estela, nós estávamos conversando sobre você ontem. Gostaríamos de lhe fazer um convite, mas certamente compreenderemos se você recusar.

- Fale, filha. O que vocês desejam?

- Nós sabemos que sua família já partiu e que seus parentes moram longe. Por outro lado, você está com dificuldade em se cuidar sozinha e até parou de trabalhar no hospital por causa da sua debilidade. Assim, nós pensamos que poderia vir morar conosco. Nós nos preocupamos em deixá-la sozinha, pois se você se sentir mal talvez não tenha como pedir ajuda. Compreenderemos se você não aceitar. Sabemos que vive só há muitos anos e talvez não se adapte a viver com tantas pessoas à sua volta o tempo todo.

Estela chorava e os meninos foram abraçá-la.

- Por que está triste vovó? - Perguntou Leonardo, enxugando as suas lágrimas.

- Não, meu bem, não estou triste. Estou muito emocionada com o carinho de vocês. Sei do amor que nos une, mas entendo que cada qual necessita da sua privacidade. Nunca imaginei que pudessem renunciar à sua para ter a mim na casa de vocês.

- Que é isso, Estela? Você faz parte dessa família.

- Eu sei, filha, mas quantas mães e pais adoecem e vão para asilos por que os filhos não querem ou não podem tê-los em casa? O lar da gente é sagrado, eu sei. E agradeço muito pelo convite de vocês.

- A senhora vem? - Perguntou Leonardo ansioso.

- Olhem, independentemente da nossa amizade, eu quero que saibam que serei eternamente grata pelo convite. Vocês são, de fato, criaturas boas e caridosas. Eu não sei, no entanto, se é justo vir incomodar vocês.

Dona Vânia, que até então ficara calada, disse:

- Que é isso, minha amiga? Você só viria alegrar ainda mais o nosso lar.

Estela chorava ainda mais e abraçava os meninos que continuavam do seu lado.

- Vocês não imaginam quantas vezes eu quis estar ao lado de vocês nas horas em que me sentia mal em casa. Não tenho medo de desencarnar, mas não queria estar só e sem carinho nessa hora.

- Não fale assim, vovó - disse Mário. - Nós teremos ainda muitos

momentos de alegria juntos.

- Se vocês têm certeza de que não vou incomodar, eu venho sim. Afinal, são a minha família!

Todos se abraçaram e combinaram os detalhes da mudança de Estela. Ela alugaria a casa para ter uma renda extra e, juntamente com a sua aposentadoria, todos viveriam com tranquilidade. Garantiriam assim os estudos dos meninos, que ainda tinham muitas coisas pela frente. Alguns móveis seriam doados e alguns trazidos para a casa de Marina. Ela, por sua vez, doaria também alguns dos seus móveis e assim teriam uma casa toda nova. Estela e Dona Vânia dividiriam o quarto.

- Afinal, somos duas velhas e nos entendemos bem - disse Dona Vânia, rindo.

A mudança foi providenciada e em cerca de duas semanas estavam todos vivendo juntos, em harmonia, alegres e se auxiliando. As avós cozinhavam, cuidavam da casa e ajudavam os meninos nas tarefas. Marina trabalhava o dia todo e sempre chegava em casa cansada, mas contente por ter um lar ao qual retornar. Por vezes, chorava discretamente ao voltar do trabalho, pois se recordava de Raul por todos os lugares pelos quais passava. Sabia, no entanto, que ele estava do outro lado da vida trabalhando para estar ao lado deles sempre que possível e pensava: "Meu querido amor, esteja onde estiver, receba agora todo o meu carinho. Siga adiante e que Jesus o abençoe em todos os momentos da sua nova vida!"

Do lado de lá, Raul recebia os pensamentos dos seus entes queridos e dos amigos, e embora a saudade também doesse em seu peito, sentia-se feliz por receber tanto carinho. Logo faria um ano que partira.

## Capítulo 10



O despertar de Raul no Plano Espiritual não fora uma surpresa, pois ele pressentia que logo seria chamado para mudar de endereço. Durante o funeral, o seu espírito fora adormecido e levado para uma colônia de tratamento. A sua recuperação foi rápida, pois ele tinha plena consciência de que o seu corpo enfermo ficara para trás e que possuía agora somente o seu espírito e perispírito que após um período de tratamento estariam renovados e são. Os conhecimentos que possuía sobre o outro lado da vida lhe foram muito úteis na hora da passagem e no momento do seu despertar. Esse mesmo conhecimento auxiliara também os seus a aceitarem com serenidade – apesar da dor – que os dias terrenos de Raul haviam findado.

Agora, já completamente recuperado, começava a trabalhar, o que para ele era de extrema importância para preencher seus dias. Também fazia cursos e em pouco tempo estava completamente integrado à vida espiritual, pois a aceitação da nova realidade por si só já permite ao espírito que o seu progresso seja mais acelerado. Recordava dos momentos alegres junto aos familiares e amigos e rogava a Jesus que abençoasse a todos. Pensava nos meninos e ao mesmo tempo em que se angustiava, aquietava-se, pois sabia que

estavam sendo bem cuidados.

Imaginava como seriam quando ficassem rapazes, se teriam suas próprias famílias, como seriam seus filhos e esposas. Sorria pensando “ Até lá eu poderei estar perto deles se Deus quiser. Haverá passado muito tempo e eu talvez possa estar junto deles até com certa frequência. Quem sabe?” Assim adormecia sempre, sonhando com o dia em que poderia tornar a ver aqueles a quem tanto amava. Não houve nenhum momento de revolta, mas muitos de tristeza e de saudade. Houve também a preocupação quanto ao bem estar da família. Eles não possuíam muita coisa, mas quando a herança finalmente chegou, conseguiram comprar a casa onde moravam para que não tivessem que se preocupar com aluguel. O salário de Marina não era ruim e eles certamente viveriam de maneira modesta, mas confortável.

Conversando com os novos amigos que fizera na colônia, descobrira que muitos partilhavam com ele desses mesmos pensamentos. Todos trabalhavam com afinco para obter o merecimento de terem ou darem notícias e de visitarem aqueles que ficaram para trás.

### *Nota do autor espiritual*

*Engana-se aquele que imagina que por estar no Plano Espiritual o espírito não se preocupa com aqueles que deixou na Terra. Sentimo-nos como se estivéssemos em viagem demorada, e de repente todos os meios de comunicação deixassem de existir.*

*Aqueles que já possuem aceitação e trabalham para obter a permissão de entrar em contato com os seus afetos, preparam-se a fim de facilitar esse intercâmbio bendito.*



O tempo passava tanto no plano espiritual como no plano material e a dor ia dando lugar a uma saudade enorme, mas gostosa de se sentir. Gostosa, pois quantas pessoas há que não são lembradas nem queridas, e que não amam e nem são amadas de maneira tão carinhosa?

### *Nota do autor espiritual*

*Se por um lado a dor da “perda” é grande dos dois lados, por outro, é preciso que nos lembremos sempre de agradecer ao Pai pela oportunidade que nos deu de amar e de sermos amados. É certo que ninguém no universo está só e que sempre há uma mão amiga que nos é estendida. No entanto, há muitas pessoas que não aceitam essa mão amiga e preferem viver à margem de tudo aquilo que é bom e maravilhoso.*

Certa manhã, Raul acordou muito contente, levantou-se, arrumou-se e foi para o seu trabalho. No meio do dia, foi chamado para ver o seu superior. Percorreu o corredor que levava à sala de Jerônimo, figura muito querida na Colônia Esperança, e encontrou a porta entreaberta. Raul bateu levemente e logo ouviu:

- Entre, meu filho. Estou esperando por você.
- Bom dia, Jerônimo.
- Bom dia, Raul. Como se sente hoje? Sua aparência está ótima.
- Melhor do que nunca.

Jerônimo riu. Ele tinha cabelos e barba branca, vestia uma túnica branca e levava consigo um cajado. Parecia mais um personagem de algum filme bíblico. Seus olhos, muito escuros, pareciam penetrar fundo naqueles que ele olhava, parecendo que nada poderia permanecer oculto a ele. O seu sorriso transmitia a mesma bondade que carregava a doçura da sua voz e estava sempre pronto a escutar aqueles que necessitassem conversar. Confortava a todos pacientemente, auxiliando cada um a encontrar soluções para os

problemas que o afligia. Raul ficara parado observando Jerônimo e parecia haver despertado de um breve sonho quando este convidou calmamente:

- Sente-se, meu filho.

Raul agradeceu e se acomodou em uma poltrona confortável em frente ao amigo.

- Acho que você está contente porque seu espírito pressente boas notícias.

- É mesmo? - Sorriu Raul jovialmente. - Fui promovido? - Perguntou em tom de brincadeira.

- Mais do que isso. Você poderá visitar a Terra daqui a alguns dias.

Raul não conseguia responder. Levantou-se de repente, tomou as mãos de Jerônimo e as beijou enquanto seus olhos deixavam correr grossas lágrimas de alegria. Jerônimo abraçou-o fraternalmente, e disse:

- Você já está preparado para reencontrar os seus sem se desequilibrar.

- Não tenho palavras para agradecê-lo, Jerônimo.

- Agradeça a si mesmo, filho. Desde que aqui chegou tudo fez para receber esta oportunidade. Além de trabalhar suas horas regulares, fez muito trabalho voluntário, procura se melhorar a cada instante e nunca deixa de se instruir. Portanto, o mérito é todo seu. É com muita alegria que lhe dou essa boa notícia, pois sei o quanto deseja rever os seus.

- E eu irei com quem?

- Eu mesmo o acompanharei. Partiremos em dois dias. Durante esse período, você será especialmente preparado para que possamos fazer a viagem com tranquilidade.

A emoção de Raul era tanta que Jerônimo se comovera também.

- Gostaria que você passasse a tarde aqui para tratarmos dos preparativos e para que eu possa preparar você adequadamente. Como será a primeira vez, todo cuidado é pouco. Muitos irmãos se

desequilibram ao entrar em contato com os familiares pela primeira vez após a desencarnação.

## Capítulo 11



Conforme haviam combinado, Raul e Jerônimo partiram em dois dias. Era sábado e o dia fora escolhido cuidadosamente por Jerônimo, que se alegrava em poder levar para casa alguém que para ele era tão especial. Raul era calmo e colaborava com todos à sua volta. Desde que chegara, fizera muitos amigos, trabalhava e se instruía incansavelmente, sempre distribuindo sorrisos e otimismo. Jerônimo achava que ele mais do que ninguém merecia este presente. Raul nem percebera, mas era uma data especial e Jerônimo – sabendo de antemão sobre os preparativos na casa do amigo – decidira levá-lo para casa naquele dia.

Com todos os cuidados tomados por Jerônimo, a viagem foi tranquila. A vibração da Terra é muito diferente daquela que vemos em mundos mais felizes, portanto, a vibração daqui é mais pesada, e muitos se sentem mal quanto mais se aproximam do Planeta. De qualquer forma, tudo correu bem e logo eles chegavam à cidade onde Raul vivera. Ele se emocionou ao chegar à pracinha onde tantas vezes passara com Marina quando ainda namoravam e que depois serviu de palco para diversos passeios com os meninos. Fora lá que tantas vezes eles riram e brincaram felizes.

- Vamos, meu filho - disse Jerônimo, como que o acordando de um sonho alegre.

- Sim - respondeu Raul caminhando ao lado de Jerônimo, apreciando as árvores e os pássaros, como sempre gostara de fazer.

Logo chegavam ao hospital que continuava exatamente igual. Pôde ver alguns pacientes tomando seu banho de sol e viu ainda inúmeros irmãos desencarnados auxiliando encarnados a cuidar dos enfermos. Parou e ficou apreciando tudo aquilo com grande emoção.

- É, meu filho, muitos dos nossos irmãos desencarnados preferem ficar por aqui cuidando dos enfermos encarnados, oferecendo seu concurso bendito a tantos quantos dele necessitem.

- Já havia lido a respeito, mas não conseguia imaginar a beleza desse quadro. Certamente, todos eles poderiam estar em algum plano superior...

- Certamente, filho. Estão aqui por vontade e misericórdia de Deus. Muitos se encontram aqui há décadas e fazem seu trabalho com o amor que só as almas sublimes sabem doar.

- Quando estive aqui pude também ser presenteado com os cuidados desses irmãos?

- Claro. Se quiser, mais tarde voltaremos para que você veja tudo mais de perto.

- Combinado - respondeu Raul.

Passaram pela padaria e ele se lembrou da conversa que tivera com os meninos tempos atrás. Passaram em seguida em frente à casa de Estela e ele viu sair dali uma pessoa estranha. "Seria algum parente?" Por um momento um pensamento lhe correu a mente: "Teria Estela desencarnado?"

- Não, filho, Estela está bem. Vamos que estamos bem perto agora.

Pararam em frente à cerca e lá estava a casinha branca de janelas azuis. As roseiras que ele plantara estavam lindas como sempre. Entraram e ele percebeu de imediato que a sala estava diferente. Alguns móveis não estavam mais lá e havia outros novos. Logo reconheceu a poltrona de Estela. Olhou para Jerônimo como que

procurando uma resposta e este, bondosamente, explicou:

– Estela não andava muito bem de saúde e sua família resolveu convidá-la para vir morar com eles. Ela aceitou e agora dona Vânia e ela dividem o quarto e os afazeres. Estela alugou a casa e com o dinheiro ajuda nas despesas. Aliás, a casa dela está no nome dos meninos, sob a tutela de Marina. Como Estela não possui parentes próximos, e todos já estão com a vida material bem encaminhada, ela resolveu doar seu único bem aos seus filhos, que ela ama como netos.

Raul se emocionou. Amada como era pela família que a acolhera, sabia que Estela jamais sairia dali a não ser quando fosse convidada a partir para o Plano Espiritual. Assim, ela já antecipara os acontecimentos a fim de não deixar para trás qualquer aborrecimento ou mal entendido. Escrevera aos parentes dizendo-lhes o que havia feito e que quando ela viesse a desencarnar seriam bem-vindos para lhe prestar as últimas homenagens caso desejassem, mas que não precisavam se preocupar com nada, pois ela já cuidara de tudo, inclusive do enterro dos seus despojos materiais. Os parentes de Estela estavam contentes em saber que ela estava bem e, vez ou outra, ela recebia deles um telefonema ou uma carta. No final do ano, recebia diversos cartões de Boas Festas de um ou outro parente que ainda cultivava o hábito de escrever cartões.

As vozes vindas da cozinha trouxeram Raul de volta à realidade. Sentiu o cheiro de bolo e logo viu Estela e dona Vânia conversando alegremente próximo ao fogão. Dirigindo-se ao quarto, encontrou-o exatamente igual ao que era. Em um canto havia um pequeno móvel repleto de fotos suas e com os seus livros favoritos. Na cabeceira de Marina, estava aberto “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Ouviu a porta se abrir e correu a tempo de ver Marina, que chegava da feira auxiliada por um garotinho carregado de flores. Ela pediu a ele que levasse as flores até a cozinha e ofereceu-lhe alguns trocados e bombons. Ele sorriu, agradeceu e saiu correndo. As duas senhoras já tinham seus vasos a postos, e logo os enfeitavam com flores do

campo alegres e coloridas. Outro vaso era só de rosas.

- Gostaram? - Perguntou Marina alegre.

- Muito lindo, filha - respondeu Estela. - Ele com certeza iria gostar.

As três estavam emocionadas e Raul se emocionou também. Seriam para ele as flores? Jerônimo, que a tudo assistia, sorriu bondosamente, aguardando os acontecimentos.

- O bolo já está pronto? - Perguntou Marina.

- Quase. Acho que podemos chamar os meninos e enquanto eles se aprontam, arrumamos a mesa.

- Vou levar o vaso de rosas para o quarto e chamo os dois dorminhocos! - Disse Marina, pegando o vaso.

Levou as rosas amarelas para o seu quarto e o colocou no meio das fotos. "São para você, meu amor. Que Jesus o abençoe e lhe dê força e coragem para prosseguir na sua caminhada. Um dia haveremos de nos reencontrar e ter um novo lar. Pedirei sempre à misericórdia divina para que nunca nos separe por muito tempo. Tenha um bom dia!" Ela dirigiu-se ao quarto dos meninos. Raul a acompanhou e ela sentia que alguém estava perto dela. "Seria Raul?" pensava. Isso era bom demais para ser verdade. Ficou emocionada e abraçou os filhos com carinho.

- Vamos tomar nosso café da manhã?

Raul, que se sentara na cama junto com ela, abraçou Mário. Depois, foi para outra cama e abraçou Leonardo. Eles haviam crescido tanto! Estavam bem e pareciam felizes.

Os meninos abriram os olhos sonolentos e abraçaram a mãe. Leonardo gritou.

- Papai, papai!

- Você sonhou com o papai? Perguntou Marina.

- Não sei. Pareceu que ele estava aqui.

Marina sentiu uma alegria muito grande. "Será?" Pensou, cheia de esperança.

- Venham que as vovós estão esperando.

Os meninos se arrumaram rapidamente e logo foram para a cozinha, onde a mesa estava posta como sempre, mas um pouco mais arrumada do que era de costume para um simples café da manhã. O bolo fresquinho estava no centro da mesa e ao lado dele havia um pequeno vaso cheio de flores coloridas. A toalha era aquela das ocasiões especiais e Raul estava intrigado. Como não sabia qual era a data imaginou que deveria ser o aniversário de alguém. Todos se sentaram e Mário convidou:

- Vamos fazer uma prece.

- Eu começo - disse Leonardo. - Bom dia, Jesus, e todos os amigos espirituais da nossa casa e da nossa família. Obrigado, Pai do Céu, por tudo aquilo que nós recebemos a cada dia.

Mário continuou:

- Nós te pedimos, Senhor, que nos abençoe a todos e, especialmente, no dia de hoje, abençoe o nosso pai querido, que faria aniversário se estivesse aqui na Terra. Permita que o nosso carinho, as flores e o nosso grande amor cheguem até ele e que ele possa sempre prosseguir com fé em busca da luz e da própria evolução. Obrigado. Que assim seja.

Todos estavam emocionados. Leonardo falou:

- Tenho certeza de que hoje o papai vem nos visitar. Aliás, acho até que ele já está aqui, pois quando acordei tinha certeza de que ele estava aqui.

- Por que, meu filho? - Perguntou Estela. - Você sonhou com ele?

- Não, mas agora me lembro que há alguns dias sonhei que veio um homem velhinho e barbudo me falar que papai viria nos visitar no dia do seu aniversário.

Todos se entreolharam emocionados e alegres.

- Então ele vem mesmo - disse dona Vânia.

Raul, emocionado, olhou para Jerônimo que o abraçou e assentiu com a cabeça. De fato, ele conversara com Leonardo durante o sono físico, pois já vira que eles estavam organizando uma festinha para comemorar o aniversário de Raul.

O café da manhã transcorreu alegre e o assunto foi Raul o tempo todo. Ele abraçava a todos e agradecia o carinho. Mais do que nunca, sentiu-se parte daquela família que tanto amava e experimentava a sensação sobre a qual lera tantas vezes de que não só a vida continua, mas também de que nós não nos separamos daqueles que amamos quando partimos para o outro plano. É sempre possível manter um contato equilibrado com os nossos entes queridos, desde que nos seja permitido e que trabalhemos para isso.

Os meninos foram brincar e as três mulheres ficaram arrumando a casa enquanto já começavam a preparar o almoço. Ele se sentia tão próximo de todos que era como se estivessem esperando por ele a qualquer momento. Passou algum tempo na cozinha conversando mentalmente com elas que estavam certas da sua presença, para depois ir até o quintal onde os meninos conversavam e brincavam de bolinha de gude debaixo de uma árvore. De repente, Leonardo falou:

- Olha, Mário, o papai está aqui. Ele sorri para nós e está com o mesmo velhinho do sonho.

- Então, vamos dizer ao papai o quanto nós o amamos.

Raul abraçou os meninos que tiveram então a certeza de que o pai os estava visitando.

## Capítulo 12



Raul deixara os meninos e se dirigira ao hospital, prometendo-lhes que voltaria mais tarde. No caminho, conversava com Jerônimo:

- Então é assim que acontece?

- Bem, cada caso é um caso diferente e este é exatamente como deveria ser sempre. Onde há amor, equilíbrio e aceitação da vontade de Deus, tudo fica mais fácil e harmonioso. A sua partida deixou os corações tristes, mas não revoltados. A vibração daqueles que ficaram auxiliou também no seu equilíbrio e em breve você estará completamente restabelecido e pronto para prosseguir na sua jornada de trabalho e aprendizado. Seria bom se todos agissem assim, pois ajudariam muito aqueles que partem para uma nova vida. Infelizmente, mesmo aqueles que acreditam na vida após a morte do corpo físico tendem a se desesperar e tornam as coisas mais difíceis tanto para aqueles que partem como para si próprios. Sua família, no entanto, sente, mas não se desespera, e entende que o seu corpo físico não podia mais suportar a vida na terra, por isso foi deixado para trás.

- Será que algum dia eu poderei saber a razão das coisas terem sido assim? Quero dizer, ter sido doente, partir cedo?

- Se for para ajudar na sua evolução, sim. Se for somente por curiosidade, não vale a pena.

Raul acenou entendendo que o equilíbrio dos planos traçados por Deus está em todos os detalhes e que de nada adianta sofrer por aquilo que já passou. Chegaram ao hospital, onde foram recebidos por um velho amigo de Jerônimo.

- Bom dia, meu amigo. Como vai?

- Muito bem. Vejo que trouxe Raul para nos visitar. Deixe que eu me apresente: sou Arlindo e coordeno as atividades do hospital. Seja bem-vindo, meu amigo! Jerônimo já me falou bastante de você, portanto já o conheço. Na verdade, eu o conheço desde o tempo em que vinha se tratar no hospital, mas, agora, conheço também o que se passou com você desde a sua chegada à Pátria Espiritual.

- É bom conhecê-lo, Arlindo. É bom também saber que mesmo quando estamos encarnados existem tantos amigos prontos a nos ajudar o tempo inteiro.

- Muito mais do que se possa imaginar - interrompeu Jerônimo. - As equipes do Plano Espiritual estão sempre prontas a socorrer os irmãos encarnados quando estes permitem e aceitam o nosso auxílio.

- Será que se soubessem que há tantos irmãos abnegados a estender-lhes as mãos, os encarnados não agiriam de modo diferente?

- Infelizmente, eu penso que não - respondeu Jerônimo. - Geralmente, o orgulho, o egoísmo e a vaidade são grandes entraves para o progresso do homem, que quase sempre imagina que tudo aquilo que faz e consegue é somente por mérito seu e não por misericórdia de Deus.

- É verdade. Quando as coisas vão bem o mérito é do homem, mas quando vão mal a culpa é de Deus - acrescentou Arlindo, fazendo com que Raul risse.

- É bem assim que acontece. Falta humildade ao homem para dar a medida justa aos acontecimentos.

Ambos os interlocutores acenaram com a cabeça, concordando

com ele.

- Vamos visitar o hospital - convidou Arlindo.

Entraram pela porta principal e caminharam pelo corredor que estava repleto de espíritos que iam e vinham, entrando em quartos e salas, numa sincronia tão perfeita que até parecia uma orquestra a obedecer aos movimentos de um maestro invisível. Tudo era rápido, porém sem atropelos. Além dos espíritos que auxiliavam, havia alguns desencarnados em cadeiras de rodas, outros caminhando com o auxílio de muletas, crianças, idosos e até uma jovem que parecia prestes a dar à luz.

Raul parou e ficou contemplando todo esse quadro, elevou o pensamento ao Pai agradecendo a sua misericórdia que permitia a todos - mesmo àqueles que por vezes recusam auxílio - receber um bálsamo para acalmar as suas dores. Os dois amigos se uniram a ele no mesmo pensamento. Era um espetáculo maravilhoso, observar a luz que se fazia presente no ambiente naquele exato momento.

Alguns outros irmãos que por ali passavam, pararam também por um instante e se juntaram aos três e logo se podia ver o clarão das vibrações emanadas por todos que se uniam numa mesma prece para louvar a Deus, agradecendo por tantas coisas que dele recebemos a todo momento.

Finda a prece, cada qual voltou aos seus afazeres. Os três se puseram a caminhar novamente e logo adentraram pela porta onde ficava o berçário. Com os olhos espirituais, um médium vidente poderia observar o lindo trabalho que ali era realizado. Aos olhos carnis, havia vários bebês: alguns dormiam, dois ou três choravam, outros estavam acordados, quietinhos e ao lado de cada um estava um espírito. Alguns transmitiam conhecimento e encorajavam o recém-encarnado a iniciar a sua jornada, outros davam passes para auxiliar aqueles espíritos a se adaptarem à sua nova condição, ou ainda, a superar alguma dor física. Era realmente um belo e comovente quadro. Raul se emocionou e mais uma vez concluiu: ninguém está sozinho.

Em seguida, foram visitar outros quartos onde se achavam as mães que tinham dado à luz aqueles bebês. Quase todas estavam contentes, mas havia uma delas que estava muito mal. Ela havia passado por dificuldades durante toda a gravidez e agora as forças do seu corpo físico estavam no fim. Raul se apiedou daquela criatura que parecia lutar em vão pela própria vida. Olhou para os amigos como que para pedir uma explicação.

- Marta é uma pobre operária órfã, criada em orfanato, sem ninguém no mundo. Vivia pobremente em um quartinho, mas era feliz. Um dia, ao voltar do trabalho, foi atacada por um malfeitor e engravidou. Apesar das dificuldades e da saúde frágil, acreditou que a criança seria um alento na sua vida e preparou a chegada do bebê da melhor forma que pôde. Entretanto, seu tempo na vida carnal está se extinguindo. Ela deverá partir em algumas horas.

- Mas está só no mundo! E o bebê? Será levado a alguma instituição e terá então o mesmo destino da mãe! Crescerá sem o carinho de uma família, e a mãe, que o esperou com tanto amor, será levada do seu convívio. Por quê? - Perguntou Raul emocionado.

- Em outras encarnações - explicou Jerônimo - Marta foi adepta do aborto. Houve uma encarnação na qual foi parteira e praticou muitos abortos, impedindo a encarnação de muitos irmãos. Em outra, ela própria abortou inúmeras vezes, sem jamais se arrepender. Desta vez, ela veio ao mundo para aprender a valorizar a vida de outro ser humano e a sua própria. Veio também para valorizar o carinho e aconchego da família, os quais tantas vezes ela desprezou. Por fim, como já esteve em situação material privilegiada e abusou, ela passou por privações desta vez. Felizmente, ela saiu vitoriosa de todas essas provas, e logo mais regressará à Pátria Espiritual.

- Mas e o bebê?

- A sua menina deverá encontrar um lar. Se chamará Bianca e certamente terá a chance de ser feliz, desde que assim escolha.

- Quem ficará com ela?

- Você verá. Mas veja, Marina está chegando.

Raul sorriu, mal acreditando no que ouvia.

- Marina?

- Sim, ela conhece Marta. Aliás, está chegando para visitá-la. Olhe, já vai entrar.

- Como se conheceram?

- No trabalho. Marta trabalha na escola em que Marina leciona.

- Que mundo pequeno!

Sorriram.

- Vamos observar - convidou Jerônimo.

Marina entrou trazendo um vaso de flores amarelas.

- Bom dia, Marta.

- Que bom que veio, minha amiga. É tão bom vê-la!

Ambas se abraçaram e Marina pareceu sentir que a amiga em breve se despediria.

- Você já viu a Bianca?

- Não. Vim primeiro ver você porque estão trocando os bebês. Acho que logo vão trazê-la para você amamentá-la.

Marta respirava com dificuldade.

- Verá como ela é linda. Eu não sei como lhe falar isto, mas tenho certeza de que vou partir e não vai demorar muito. Estou preocupada com o que acontecerá com a menina. Você sabe tudo da minha vida e conhece a minha trajetória. Eu não gostaria que a minha Bianca passasse por tudo aquilo que eu passei. Talvez seja até egoísmo meu, mas eu a esperei com tanto amor para que ela fosse feliz...

- Que é isso, Marta? Não fale assim - pediu Marina muito emocionada. - Você logo se sentirá melhor.

- Não, minha amiga. Nós compartilhamos da mesma crença e sei que a minha encarnação está chegando ao fim. Por favor, prometa-me que não deixará minha filha sem um lar. Ajude a encontrar um lar para ela. É uma criança bonita e saudável que com certeza dará muita alegria a um lar sem filhos - implorou Marta já quase sem forças.

A porta se abriu e a enfermeira trouxe a criança. Ofereceu-a à mãe, dizendo:

- Aqui está o seu tesouro, Marta.

Marta sorriu agradecendo.

- Ela é mesmo linda, Marta. Tem cabelos escuros e parece um anjo dormindo.

Marina olhou para a menina e imediatamente um imenso amor tomou conta do seu coração. Olhou para a amiga que segurava a criança e notou que seu semblante era triste e cansado.

- Marta, eu não quero que você parta, mas se isso acontecer mesmo, será que posso ficar com ela?

Marta olhou para amiga carinhosamente e o seu olhar era de gratidão.

- Quem poderia cuidar dela melhor do que você?

As duas amigas se abraçaram, abraçando assim a pequena Bianca. Amigos invisíveis elevaram os seus pensamentos ao Alto, agradecendo ao Pai pelo desfecho feliz dos acontecimentos. Raul emocionado falou:

- O que mais se poderia esperar dela? Ela é sempre assim: ajuda a todos como pode e jamais deixaria a filha da amiga ser encaminhada para um orfanato.

Ao sair, Marina conversou com o médico que confirmou que as horas de Marta estavam contadas. A desencarnação deveria ocorrer antes do anoitecer. Marina contou ao médico sobre o que havia combinado com Marta e este, muito contente, disse que tinha amigos que poderiam auxiliar a legalizar a situação da criança o mais rapidamente possível. Assim que Marina deixou o hospital, o médico ligou para o irmão que era advogado e pediu a ele que cuidasse de tudo. Este imediatamente tomou as primeiras providências. "Embora Marina seja viúva, tem um lar emocionalmente estável que será extremamente benéfico para a criança", pensou o médico.

Marina voltou ao hospital e ainda teve tempo de se despedir de

Marta, que, embora fraca, estava serena e feliz. Minutos depois ela adormeceu profundamente, deu um último suspiro e os amigos espirituais iniciaram o desligamento. Numa cidade onde todos se conhecem, ficou fácil resolver a adoção da pequena Bianca, que foi entregue à Marina imediatamente após a morte da mãe. O enterro de Marta seria no dia seguinte e Bianca seguiu para o seu novo lar, onde todos já a aguardavam ansiosos.

## Capítulo 13



Após sair do hospital, Marina providenciou para que as coisas que Marta havia comprado para a filha fossem transferidas para a sua casa e imediatamente após a desencarnação de Marta, Bianca foi entregue à Marina, que, emocionada, tomou nos braços a pequena prometendo a si mesma tudo fazer a fim de que ela fosse feliz e que sempre se lembrasse daquela que lhe dera vida. Acompanhada de perto por Raul e Jerônimo, ela seguiu até a sua casa onde todos estavam ansiosos para conhecer a menina. Dona Vânia, Estela e os meninos haviam ficado para terminar de arrumar o cantinho que doravante pertenceria à Bianca. Quando Marina chegou em casa, todos já as aguardavam no portão.

- Deixe-me ver esse anjinho - disse dona Vânia, tomando-a nos braços. - Veja, Estela, como é linda!

- Abaixei um pouco mais que eu quero vê-la - pediu Leonardo.

- Vamos entrar então - respondeu a senhora.

Sentada no sofá, dona Vânia se viu rodeada por todos que queriam ver a pequena, que dormia como um anjo. Era o sono tranquilo e feliz de quem dali em diante seria amada e protegida por tantos corações. Ao final do dia, reuniram-se todos para fazer uma oração,

pedindo novamente a bênção para Raul, para Marta e para a pequena Bianca. O ambiente estava sereno e iluminado. Leonardo falou:

- Mãe, eu vi o papai com o velhinho do sonho.

Marina sorriu e disse:

- Então ele veio mesmo! Eu sabia que ele estava por perto, pois senti logo cedo. Tenho certeza de que ele está bem e agradeço a Deus e a Jesus por esta bênção. Foi um dia maravilhoso - disse emocionada. - Marta partiu, mas nos legou seu maior tesouro e cumpriu aquilo que se determinou a fazer. Nós criaremos Bianca com todo amor e carinho e um dia ela se encontrará novamente com Marta. Quem sabe em alguma outra encarnação, elas possam viver juntas e felizes!

A conversa continuou alegre, até que os meninos foram convidados a se deitarem. Antes, porém, foram ver Bianca que, limpa e bem alimentada, dormia profundamente. Raul seguiu os movimentos da família e quando todos já haviam adormecido, conversava com Jerônimo:

- Existe alguma ligação entre Bianca e a nossa família?

- Na verdade não. Bianca foi uma das crianças que Marta abortou em outra encarnação. Bianca queria muito reencarnar e se tornou inimiga ferrenha de Marta. Tempos depois, perdoou Marta, que prometeu deixá-la encarnar em outra oportunidade. Marta não iria cuidar dela, pois, em outra ocasião, Bianca abandonara a filha à própria sorte. Assim, ela deveria ficar só, sem ninguém da própria família, a fim de valorizar os laços de consanguinidade, que, como sabemos, representam a oportunidade de reparar relacionamentos menos felizes de outras encarnações, ou ainda o reencontro para a cooperação mútua no bem comum.

- E por que Marina teve que ficar com Bianca?

- Ela não teria que ficar com a menina. Isso foi decisão de Marina, portanto, mérito dela própria, que com certeza acrescenta pontos na sua "ficha existencial" - disse Jerônimo, sorrindo. - Ela poderia ter

simplesmente feito aquilo que Marta lhe pediu, ajudando a criança a encontrar uma família e com isso já teria cumprido com a sua parte. No entanto, foi além daquilo que se esperava dela.

Raul sorriu contente. Sua companheira sempre fora pessoa disposta a ajudar o próximo em todas as ocasiões que se apresentavam. Lembrava-se das vezes em que ela comentava sobre as dificuldades de uma e de outra pessoa e corria para fazer algo, mesmo que aquilo significasse sua própria privação. E as conversas com as pessoas? Sempre procurava animá-las e ajudá-las a buscar saídas para os problemas, sempre demonstrava paciência para ouvir os outros. De repente, seu semblante ficou sério, e Jerônimo disse prontamente:

- Não se preocupe. Bianca é um espírito dócil. Precisa aprender a valorizar a vida em família e se sentir amada. Graças a Deus vai ficar com uma família que lhe dará uma base sólida em termos de amor, carinho, religiosidade, moral e tudo aquilo que um ser necessita para se tornar digno e feliz. Por que não repousa aqui por um instante? Foi um dia cheio e com certeza um pouco de descanso lhe fará bem. Mais tarde virei buscá-lo.

- Posso perguntar aonde vai?

- Claro. Vou ver como está Marta e depois lhe trago notícias.

- Está bem então. Não quer que eu vá com você?

- Prefiro que descanse. Não se esqueça de que é a primeira vez que vem à crosta após a sua desencarnação.

- Está bem - concordou Raul. - Que Jesus o acompanhe e o abençoe por tudo aquilo que tem feito por mim.

Jerônimo acenou sorrindo e partiu. Raul estava mesmo exausto. Foi para o quarto e deitou-se ao lado da esposa e do berço, pensando: "Que bom ter encontrado você, meu bem. Como foi bom ter passado esses anos com você. Obrigado, e que Jesus a abençoe sempre." E assim adormeceu.

## Capítulo 14



Jerônimo voltara de madrugada e, ao notar a presença do amigo ao lado do berço, Raul levantou-se e foi ter com ele.

- Como está Marta?

- Bem, já foi quase completamente desligada e está repousando em uma das enfermarias.

- Falou com ela?

- Não, pois ela ainda está adormecida. Porém, examinando-a, vi que está bem, muito feliz e aliviada pela sorte da filha.

- Que tal encontrar-se com a sua família?

- Como assim?

- Vamos reunir todos eles e vocês poderão conversar. Amanhã se lembrarão que “sonharam” com você.

Raul não se conteve e falou emocionado:

- Isso é que é presente de aniversário!

-Venha, vamos acordar Marina primeiro.

Jerônimo fez o perispírito de Marina sair do seu corpo físico e quando ela olhou, perguntou imediatamente:

- Você é o velhinho do sonho do Leonardo?

Jerônimo riu.

- Sim, filha, venha - e dando-lhe as mãos levou-a para junto de Raul. Ela levou as mãos à boca como que para conter um pequeno grito de surpresa e alegria.

- Raul, meu amor! Como você está bem!

Abraçaram-se e Jerônimo trouxe um a um para junto de Raul.

Leonardo dizia:

- O senhor estava no quintal com ele, não estava? - Dizia, apontando para Jerônimo.

- Sim, meu filho.

- Bem que eu vi - disse o menino, abraçando-o.

Logo chegou Mário, que abraçou o pai emocionado. Em seguida, vieram dona Vânia e Estela juntas. Abraçaram Raul e quiseram saber como ele estava e todos conversaram alegremente. Os meninos não paravam de falar, pois queriam colocar o pai a par de todas as novidades. Depois de algum tempo, Jerônimo falou:

-Agora devo levá-los de volta ao seu corpo físico.

E assim, um a um foi levado de volta ao sono físico. Estavam alegres e satisfeitos por terem tido aquele doce encontro com Raul. Ambos, Raul e Jerônimo, passariam o domingo com a família e iriam ao enterro dos restos mortais de Marta.

Bianca acordou de madrugada e Marina foi para a cozinha preparar a sua mamadeira. Pensou em quando os filhos eram pequenos e sentiu saudade de Raul. Sorriu ao lembrar do "sonho" que tivera e agradeceu feliz a Jesus, pois tinha certeza de que o sonho fora, de fato, um encontro com o marido. Levou a mamadeira para a pequena, que foi trocada e acalentada, dormindo em seguida. Marina chorou ao pensar que Marta não cuidaria dela, mas pediu a Jesus que desse forças a Marta e a oportunidade de visitar a filha sempre que possível para vê-la crescer. Adormeceu em paz com a certeza de que tudo estava bem apesar das aparências. Confiava que Marta partira tranquila para o Plano Espiritual e, conhecendo a amiga, sabia que, assim que possível, ela estaria trabalhando e que velaria pela filha tanto quanto lhe fosse permitido.

## Capítulo 15



O tempo foi passando no Plano Físico e no Plano Espiritual. Mário e Leonardo haviam se transformado em rapazes, enquanto Bianca estava prestes a completar sete anos de idade. Marina continuava trabalhando. Estela e dona Vânia estavam velhinhas, mas apesar de um probleminha de saúde ou outro, continuavam dispostas, alegres e amigas como sempre. Enquanto isso, no Plano Espiritual, Raul progredia muito, pois era estudioso e se interessava sempre em aprender cada vez mais. Sempre que possível, visitava os seus e estava muito alegre em ver que eram felizes e que ele continuava fazendo parte das suas vidas.

Marta, ao desencarnar, fora levada para ligeiro tratamento e, em pouco tempo, já trabalhava no Plano Espiritual. Quando possível, encontrava-se com a filha e com a sua amiga que cuidava da menina com muito amor e carinho. Várias vezes, visitando a família de Marina, Marta pudera presenciar quanto carinho, dedicação e mimos dispensavam à menina e se alegrava por Deus haver permitido que a história de Bianca tivesse um final feliz.

Bianca, por sua vez, crescia bonita e saudável. Era uma menina esperta e inteligente, e desde cedo fora apresentada à Doutrina

Espírita, na qual aprendera que sua mãezinha, que lhe havia proporcionado a vida, velava por ela do Mundo Espiritual, juntamente com outros amigos, inclusive Raul. A menina via com muita naturalidade o intercâmbio entre os dois mundos e por vezes até sentia a presença da mãe e de Raul. Como estava próximo do seu aniversário, Leonardo sugeriu que fizessem um piquenique como haviam feito há anos no dia do aniversário de Mário e do seu próprio. Bianca adorou a ideia e não falava em outra coisa. Com jeito sério, falou:

- Vou convidar a mamãe e o tio Raul também.

Todos a olharam surpresos, pois não esperavam que ela dissesse isso ou mesmo que tal coisa passasse pela sua cabecinha.

- Convide sim, minha filha - encorajou Marina. - Certamente, se for permitido, eles virão.

Os dias se passaram e logo chegou o aniversário de Bianca. Muito cedo, ela pulou da cama e foi deitar-se ao lado de Marina. Beijou-a e afagou os seus cabelos.

- Bom dia, mamãe. Dormiu bem? - Perguntou, sorrindo.

- Muito bem, filha. E você?

- Também.

- Parabéns, meu amor. Que bom tê-la ao nosso lado por mais um ano. Que Jesus a abençoe sempre, e que você possa seguir os passos do Mestre querido em todos os dias da sua vida - disse Marina, abraçando a menina com carinho.

- Bom dia, Princesa! Vamos nos arrumar para o piquenique!

Era Mário, que entrava com Leonardo. A menina correu na direção dos dois, que a pegaram no colo, abraçando-a e beijando-a com carinho. Para eles, ela era, de fato, a irmãzinha que a vida trouxe de presente. Logo vieram as vovós e a festa começou ali mesmo. Num instante, todos estavam prontos e saíram de casa para o local do piquenique.

- Será que a mamãe e o tio Raul vão estar lá? - Perguntou Bianca.

- Tomara que sim - disse Marina.

O dia estava bonito. O sol morno aparecia no céu muito azul e a brisa suave deixava a temperatura agradável. Bianca corria de um lado para o outro numa alegria contagiante. De repente, Leonardo falou, apontando:

- Olha lá o papai, a titia e o vovô barbudo.
- Viu só mamãe? Eles vieram!

Todos se reuniram em comovida prece e Bianca falou:

- Obrigada, Senhor, por eu estar cercada de pessoas que me amam tanto e por receber as visitas da mamãe, do tio Raul e do vovô barbudo. Abençoe as crianças que não conhecem esse amor e permita que um dia elas possam receber pelo menos um pouquinho do carinho que eu recebo o tempo todo. Abençoe a mamãe, as vovós, os meus irmãos, a mamãe que me deu a vida e o tio Raul, que também me ama muito. Abençoe ainda o vovô que está sempre com o tio Raul, pois tenho certeza de que ele me ama também.

Todos se emocionaram com a prece sincera da menina, e os desencarnados se entreolharam e sorriram felizes. O dia transcorreu alegre e, ao chegarem em casa, entregaram presentes para Bianca, que, emocionada, falou:

- Meu maior presente são vocês. Não precisava de mais nada porque o amor que me dão é um presente que eu recebo a cada dia.

Assim era Bianca. Uma criança dócil e amorosa, que, apesar da pouca idade, falava com a sabedoria de quem muito já viveu. Ela demonstrava reconhecer o valor de uma família e de se sentir amada. Isso era parte da lição que viera aprender nessa encarnação. Certamente, havia muito mais a aprender e, amparada em amor e forte formação moral, tudo indicava que sairia vitoriosa da experiência desta encarnação.



*Parte 2*

# Capítulo 1



Era o fim do século 17. Raul chamava-se, então, Samuel, e era o filho mais novo de uma família abastada. Fora criado com excesso de mimos e nunca soubera o que era limite, fazendo sempre o que queria. Estudava na Europa e frequentava os cafés mais luxuosos de Paris, que era então o berço de todas as novidades e modas. Era alto, esbelto, tinha cabelos negros e olhos azuis. Seu porte bonito e largo sorriso chamavam a atenção de todos: as mulheres queriam agradá-lo e muitos homens o invejavam. Ele era rico, bonito, educado, galanteador e aos 20 anos já era advogado, o que na época era símbolo de riqueza da família à qual pertencia.

O jovem voltou ao Brasil ao completar 21 anos e logo se viu cercado das moças mais bonitas do lugar, que disputavam sua companhia. Ele, porém, não se interessava por ninguém, e passava as madrugadas bebendo e fazendo serestas. O pai tentou fazer com que trabalhasse, mas por não conseguir chegar cedo a lugar algum por conta das longas noitadas, isso era quase impossível. Um velho amigo seu, no entanto, apiedando-se do moço, que parecia não ter mais jeito, e vendo o sofrimento do pai, que queria recuperá-lo a qualquer preço, ofereceu-lhe um trabalho de meio período em seu

escritório de advocacia: “Cristóvão de Sousa”.

No início, foi difícil fazer com que Samuel (Raul) se acostumasse ao trabalho, pois ele não deixava as noites de boemia. Chegava carregado todas as manhãs, devido ao alto grau de embriaguez, e não conseguia nem mesmo tirar as roupas para se deitar. Aos 23 anos, tinha a aparência de um homem bem mais velho, e logo a beleza que tanto chamava a atenção de todos foi abandonando o jovem que tantos haviam invejado. Porém, o trabalho foi modificando o seu temperamento: ao lidar com tantos problemas de outras pessoas, ele começou a pensar que a sua vida era vazia e inútil. Cada vez mais procurava se dedicar ao trabalho e logo conquistou a reputação de excelente advogado. Foi nessa época que começou a lutar pela abolição dos escravos, tentando fazer com que estes recebessem tratamento mais humano. Passou, então, a ser adorado pelos escravos e simpatizantes do abolicionismo, ao mesmo tempo em que era detestado pelos senhores que viam na escravatura a certeza de mão-de-obra sem custo maior para seus cofres além de um prato de comida.

Aos poucos, Samuel, que agora tinha objetivos nobres na sua vida, foi deixando de lado a bebida e aos 25 anos, havia se transformado em outro homem. Lentamente, recuperara a boa aparência e em pouco tempo sua vida tomara novo rumo. Nessa época, as injustiças começaram a incomodá-lo mais do que nunca, pois, agora que estava sóbrio, conseguia analisar os fatos sem qualquer tipo de confusão mental. Até o fato de os escravos terem que ficar separados dos brancos durante as missas fez com que ele rompesse relações com a igreja, e passou então a fazer suas orações com os escravos diariamente dentro da capela que ficava na fazenda. Se, por um lado, seus pais o apoiavam e se alegravam pelo fato de ele ter parado com as farras, por outro, temiam pela vida do filho, pois havia muitos senhores de escravos que o haviam jurado de morte.

Em todas as fases da civilização têm sido assim: sempre que alguém se levanta para ir contra as atrocidades praticadas por

muitos, estes se unem e procuram exterminar aquele que luta por uma causa nobre. Às vezes, assassinam tais criaturas, outras vezes, deixam-nas viver, porém, impedem, de alguma forma, que elas continuem levantando a sua voz. Contudo, tais pessoas haverão de responder pelos seus equívocos e, com a graça de Deus, haverão de se arrepender e procurarão reparar, de algum modo, o mal que praticaram.

Ao saberem que Samuel fazia as suas orações junto com os negros, os senhores escravocratas ficaram indignados e começaram então a espalhar pelos quatro ventos que o rapaz endoidecera, até que conseguiram desacreditá-lo como advogado. No entanto, os mais pobres – e aqueles que estavam ao seu lado – continuavam formando filas em sua sala de espera.

Assim prosseguiu a vida de Samuel, que seguiu auxiliando a todos que o procuravam tanto quanto lhe fosse possível, chegando a ajudar financeiramente aqueles que não dispunham de recursos e que batiam à sua porta. Quantas crianças agasalhou! Quanta fome ajudou a combater! Mas, como a lei sempre cobra pelos atos que praticamos, Samuel desencarnou aos 29 anos, vítima de cirrose provocada pelo excesso de bebida nas largas noitadas do passado. Todos os seus protegidos se sentiram desamparados e lamentaram a partida prematura daquele que os havia acolhido como irmãos, sem discriminação de qualquer espécie. Samuel recebeu muitas preces de todos que o queriam bem e tais vibrações de carinho chegaram até ele como uma chuva de bênçãos. No Plano Espiritual, recebeu o tratamento necessário e foi planejado que na próxima encarnação ele sofreria por vários anos de uma doença que não seria diagnosticada para aprender, assim, a valorizar a saúde que jogara fora em outra ocasião.

## Capítulo 2



A partida de Samuel deixara um vazio imenso e todos aqueles que se beneficiaram do seu auxílio sentiam falta daquele amigo sempre pronto a escutar e fazer o possível para amenizar o sofrimento alheio.

Cerca de duas semanas após a desencarnação de Samuel, o senhor Luiz – que ficara inconsolável com a perda do filho – foi até o seu escritório, e lá ficou surpreso com a cena que viu: várias pessoas, entre elas crianças e idosos, estavam sentados na ante sala – muitos deles no chão, já que não havia cadeiras suficientes. Juntos, todos oravam e pediam a Deus que abençoasse o seu benfeitor. Muitos choravam e de quando em quando faziam comentários a respeito de Samuel. O senhor Luiz a tudo ouvia e após ter ficado ali por mais de uma hora, retirou-se. Chegando à sua casa, procurou a esposa e foi logo dizendo:

– Albertina, você não imagina o que eu vi no escritório do nosso filho – disse, narrando em detalhes tudo o que vira e ouvira.

Dona Albertina deixou escapar um gemido e lágrimas vieram aos seus olhos.

– E pensar que tantos achavam nosso filho inútil. Até considerado

louco, ele foi. Pobrezinho!

Abraçando-a, o senhor Luiz falou:

- Vim pensando pelo caminho: o que acha de nós continuarmos o trabalho que nosso filho começou?

Ela olhou surpresa:

- Será que nós conseguiremos?

- Talvez de um jeito um pouco diferente, mas acho que vamos conseguir sim. Para começar, vamos pagar um pequeno salário para cada um dos nossos escravos. Samuel havia me pedido para nunca separar as famílias e, também, para deixar as crianças irem à escola e dar descanso aos mais velhos. Pediu-me, ainda, para não castigar a quem quer que fosse, pois o tempo sempre se encarrega de nos punir.

- Ele lhe pediu isso? Que coração generoso tinha o nosso filho, Luiz!

- É verdade. Acho que nós devemos começar a colocar as ideias dele em prática.

- Você vai alforriar os escravos?

- Não sei se convém no momento, pois acho que eles não saberiam o que fazer com a própria liberdade.

- Mas será que é justo comprarmos outro ser humano e sermos seus "donos"?

O senhor Luiz ficou pensativo por alguns instantes, e falou:

- Eu não gostaria de pertencer a alguém, pois de fato é uma situação humilhante. Amanhã mesmo vou chamar Cristóvão para providenciarmos as cartas de alforria. Vou pedir a orientação dele e pagar a ele para que continue cuidando dos casos que estavam nas mãos do nosso filho.

Os pais de Samuel não podiam ver, mas o ambiente espiritualmente bem iluminado estava repleto de criaturas agradecidas que jogavam sobre eles pétalas de flores. Eram parentes dos escravos, e seus protetores espirituais, que nesse momento erguiam uma prece para louvar a Deus pelos últimos

acontecimentos.



Enquanto Samuel se recuperava no Plano Espiritual, no Plano Físico, seus pais tomavam as providências necessárias para que o trabalho do filho não fosse interrompido. O Doutor Cristóvão – que havia ajudado Samuel a começar a trabalhar – continuava agora o trabalho que o filho do amigo iniciara. Porém, não aceitou receber pelo trabalho, pois achou muito nobre o fato de Samuel auxiliar mesmo aqueles que não poderia pagar.

– Já sou rico demais – disse ao Senhor Luiz. – O que tenho não daria conta de gastar nem até o fim da vida, então, não custa repartir com os mais necessitados. E, a partir de hoje, não terei mais escravos e sim pessoas trabalhando para mim em troca de salário.

O filho do Senhor Cristóvão, Antônio, que era médico e a tudo assistia, declarou:

– De hoje em diante, vou atender os mais pobres sem cobrá-los pela consulta. Afinal, como papai já disse, o dinheiro que temos é suficiente para vivermos bem até o final dos nossos dias.

– Será que nós conseguiremos uma professora para vir trabalhar aqui na fazenda e lecionar para as crianças?

– Conheço uma moça, Bernadete, muito bem educada e gentil. Vou falar com ela e com sua mãe, e quem sabe ela possa aceitar o trabalho.

– E o pai?

– Morreu há anos. Dona Margarida, sua mãe, é costureira e fez o possível para educar Bernadete da melhor forma.

– Bem, se elas quiserem, podem vir morar aqui na fazenda. Dona Margarida poderá costurar para quem quiser e, se fizer costuras para o pessoal da fazenda, receberá pelo trabalho.

– Amanhã mesmo falarei com elas e, se possível, trarei as duas

aqui para ver se você aprova.

- Onde elas moram?

- No caminho da nossa casa. Pensando bem, vamos agora mesmo falar com elas e já resolvemos isso.

- Está ficando tarde, Antônio.

- Então vamos já, assim não fica ainda mais tarde.

- Ah, esses moços são tão impacientes! - disse o Senhor Cristóvão.

- Vamos então, filho.

Despediram-se do Senhor Luiz e se puseram a caminho. Antônio era um rapaz alegre e bonito, que tinha os olhos e cabelos escuros e a pele muito alva. Seus modos eram elegantes e seu jeito muito sincero. Chegaram à casa de dona Margarida e Bernadete. A senhora ainda não conhecia Antônio, que voltara há pouco tempo de Portugal, onde havia estudado medicina. Ela lhes serviu um café, e quando iam começar a falar no assunto que os trouxera até lá, Bernadete chegou. Era uma moça de estatura média, cabelos longos, presos em uma trança e profundos olhos azuis. Vestia-se com simplicidade, mas possuía uma elegância fora do comum. Assim que a viu, Antônio ficou impressionado e não conseguia tirar os olhos da moça. O Doutor Cristóvão contou a elas sobre Samuel e sobre o seu desejo de fazer mudanças na fazenda.

- Assim sendo, o senhor Luiz gostaria que a senhorita Bernadete fosse a professora das crianças e que a senhora, dona Margarida, ficasse à vontade para ir morar com a filha na fazenda, caso deseje.

- Mas isso é maravilhoso! - Exclamou a senhora. - Nada mais poderíamos desejar. O que acha, filha?

- Sempre quis uma oportunidade de começar a lecionar, mamãe. Acho perfeito.

- Bem, então amanhã eu as levarei até o senhor Luiz - disse o Doutor Cristóvão.

- Ótimo. Estaremos prontas. A que horas partiremos? - Perguntou dona Margarida.

- Espere. Amanhã é quarta-feira, não? Tenho um compromisso.

Antônio, - disse, dirigindo-se ao filho - será que você poderia levá-las à fazenda do senhor Luiz por volta das 9 horas?

- Claro. Amanhã, às 9 em ponto, virei buscá-las - concordou Antônio respeitoso e feliz em saber que iria rever a jovem.

## Capítulo 3



Antônio chegou no horário combinado e os três logo se puseram a caminho enquanto conversavam sobre a sua estada em Portugal e sobre os seus planos para o futuro.

- Preciso começar a trabalhar logo, pois vejo que o povo carece de cuidados médicos. Na semana que vem, já atenderei a tantos quantos de mim necessitarem - disse ele.

- O senhor não está estranhando o nosso país, após ter vivido em outro lugar mais moderno? - perguntou dona Margarida.

- É claro que são dois mundos diferentes. Mas, aqui é o meu país e acredito ser aqui o meu lugar. Amo a minha pátria e farei tudo o que estiver ao meu alcance para dar a minha contribuição a fim de que tudo por aqui melhore e progrida rapidamente.

Bernadete olhava o jovem com admiração. Sentia-se como alguém que olha para uma estrela distante sabendo que jamais poderá alcançá-la. "É um jovem bonito e rico. Jamais poderia sonhar em me aproximar de alguém que esteja em condições tão diferentes das minhas: sou pobre e devo permanecer com os meus iguais. Não é correto querer me misturar com pessoas de outra classe social", pensou a moça, suspirando tristemente. Percebendo a sua tristeza

repentina, Antônio perguntou com preocupação:

- Sente-se bem, senhorita? Gostaria de parar um pouco para respirar ar fresco antes de prosseguirmos a viagem?

Bernadete sentiu-se muito embaraçada, como se o rapaz tivesse descoberto os seus últimos pensamentos. Corou e acenou negativamente a cabeça, desviando o olhar do jovem.

- Parece triste. Será que não quer ir trabalhar ou viver na fazenda?

- É o que mais quero - respondeu ela apressadamente. - Acho que acordei um pouco triste hoje. É só isso.

- Deveria então se alegrar, pois o dia está lindo. Deus nos oferece tudo aquilo de que necessitamos e a senhorita logo terá a oportunidade de iniciar novas tarefas que, com certeza, irão preencher os seus dias de alegria. Com certeza, será amada por muitos corações que irá beneficiar.

Bernadete olhou para o rapaz com carinho. "Quanta coisa bonita ele diz!", pensou. Quase sem perceber, concordou:

- É verdade. O senhor tem toda razão.

O olhar de ambos se encontrou e, naquele instante, algo os uniu para sempre. Nenhum dos dois sequer poderia imaginar que já haviam vivido juntos em outras vidas e que tinham reencarnado para juntos fazerem um belo trabalho em benefício dos necessitados.

Logo chegaram à fazenda, onde o senhor Luiz e a esposa os aguardavam.

- Vamos entrar - convidou Dona Albertina. - Por favor, traga-nos refrescos - pediu para uma das escravas.

- Pois não, dona Albertina - disse a moça, retirando-se e voltando logo em seguida.

Dona Albertina então sorriu para a escrava e lhe disse:

- Obrigada, filha, que Deus a abençoe.

Dona Margarida e Bernadete se entreolharam, pois nunca haviam visto tal coisa: dona Albertina se dirigia à escrava como quem fala com alguém querido.

- Celeste é mãe de duas das crianças que pretendemos que sejam

suas alunas, Bernadete. É claro, se aceitar o trabalho – disse dona Albertina, sorrindo.

Bernadete, que havia simpatizado com o casal e que já se sentia muito alegre ante a possibilidade de viver em um lugar tão bonito, respondeu:

– Já aceitei, senhora. Resta saber se haverão de me querer realmente.

Todos sorriram, e Dona Albertina pediu:

– Luiz, é a sua vez, pois terá que falar sobre as condições de trabalho e sobre o salário com a moça.

– Bem, minha filha, como eu disse ao Cristóvão, nós temos uma casa desocupada. É muito confortável, tem varanda, flores por todo o lado e se vocês quiserem morar lá, podem se mudar hoje mesmo. Gostaria que vissem a casa primeiro, pois afinal deverão se sentir confortáveis antes de mais nada. Pensei que morar aqui iria facilitar o seu trabalho. No entanto, pode ir e vir todos os dias se preferir.

– Luiz, vamos mostrar-lhes a casa que é melhor – sugeriu Dona Albertina.

– Então vamos – convidou o pai de Samuel.

A casa era próxima da Casa Grande. Era branca, de janelas azuis, como as outras que eram as casas dos escravos. Ou melhor, dos funcionários, como diria Samuel. Esta, no entanto, ficava bastante próxima da Casa Grande, pois foi construída pelo avô do senhor Luiz para abrigar os sogros e os pais que insistiam em morar em sua própria casa, mas próximos dos filhos. Ao saber disso, Bernadete falou:

– Tem certeza de que não seremos inconvenientes?

– De jeito nenhum – disse Dona Albertina. – Para nós, é até um favor que alguém a ocupe, pois faz tempo que ninguém a habita.

Entraram na casa que estava arrumada, limpa e cheia de flores, pois havia uma funcionária só para cuidar dela.

– Que mimo, dona Albertina! – Exclamou dona Margarida.

– É mesmo uma beleza, mamãe! – Acrescentou Bernadete.

- Que bom que gostaram. É claro que poderão trazer os seus móveis e retirar os que aqui se encontram.

Dona Margarida ficou séria.

- Sabe, Dona Albertina, nós não temos muito o que trazer. Na verdade, a casa na qual moramos nos é emprestada por uma sobrinha que nos faz essa caridade.

Percebendo a tristeza de dona Margarida, dona Albertina convidou-a a sentar-se, e a costureira contou a sua história brevemente.

- Meu marido era um homem muito bom. Porém, quando Bernadete era ainda bem pequena, começou a beber e a jogar. Até então, vivíamos confortavelmente em uma bela casa, possuíamos muitas joias e algumas propriedades. Ele jogou até o último centavo que tínhamos e tudo o que eu pude tirar da casa foram as joias e alguns objetos valiosos que trouxe comigo para a casa da minha sobrinha, que é onde moramos desde então. Foi com esse dinheiro que pude dar algum certo conforto para a minha filha, comprar livros e ensiná-la o que sei. Meu pai, um homem muito culto, sempre fez questão de ensinar muitas coisas e também de nos ensinar o amor pela leitura. Passei isso para a minha Bernadete, que, embora pobre, possui uma rica bagagem cultural.

Antônio olhou para a moça, admirando-a ainda mais. Ela parecia uma princesa, apesar de não ter posses, pois falava bem, tinha modos delicados e sabia se arrumar. Dona Albertina notou o olhar de Antônio e sorriu.

- E o seu marido, se me permite perguntar, o que aconteceu com ele?

- Ele morreu quando Bernadete estava com 13 anos. Na verdade, um dos agiotas, para quem ele devia dinheiro, mandou matá-lo, pois soube que ele já não possuía mais nada. Graças a Deus, nunca vieram atrás de nós para cobrarem as dívidas dele, uma vez que já pagou tudo o que devia com a própria vida.

- Que triste, dona Margarida. A senhora e a sua filha devem ter

sofrido muito.

- Sofremos, sim, dona Albertina. Mas, Deus foi tão bom conosco que permitiu que a minha sobrinha tivesse condições de nos estender a mão. Além disso, Bernadete e eu vivemos muito felizes, pois temos fé em Deus, que um dia o pai dela haverá de ser feliz, esteja ele onde estiver.

- Então a senhora já o perdoou?

- Claro. Bernadete e eu oramos por ele todos os dias e rogamos ao Pai que o abençoe.

Nada mais havia a dizer ante corações tão generosos. Dona Albertina convidou para que voltassem à Casa Grande e os detalhes foram acertados. Antônio se ofereceu para auxiliar na mudança e no dia seguinte, com a ajuda de alguns funcionários do senhor Luiz, Bernadete e dona Margarida mudavam de endereço. Um dia depois, ambas foram à casa da sobrinha de dona Margarida para agradecerem sua bondade e, até o final das suas vidas, mãe e filha abençoariam a generosidade daquela que havia lhes estendido a mão numa hora de grande dificuldade. A sobrinha, por sua vez, sentia-se feliz em haver sido útil.



Os dias transcorriam rápidos e cheios de novidades. Os alunos adoravam Bernadete, que lhes ensinava tudo com carinho. Antônio se oferecera para visitar os escravos periodicamente, pois, além de trabalhar e auxiliar, teria oportunidade de rever Bernadete regularmente. Enquanto isso, dona Margarida continuava costurando para as suas freguesas e agora ia atendê-las em casa. Fazia também roupas para todos na fazenda e, com isso, a sua renda aumentara bastante.

Todos estavam bem e tranquilos. A fazenda prosperava, e, à luz das ideias de Samuel, os escravos viviam felizes e em condições

dignas. Após um pouco mais de um ano, Bernadete e Antônio se casaram e ambos passaram a viver na fazenda, auxiliando a tantos quantos podiam. O pai de Bernadete, o homem que o assassinara e o mandante do crime se reconciliariam um dia, quando aprendessem o perdão e o amor que o Mestre nos ensinou.

Do Plano Espiritual, Samuel agradecia ao Pai, que permitira que as suas sementes se frutificassem e que tantas vidas fossem mudadas para melhor. Ao mesmo tempo, pedia ao Pai que abençoasse os seus pais, que deram continuidade à obra que ele começara e a todos os outros que faziam a sua parte na Grande obra do Criador, trabalhando para construir um mundo melhor.





*Parte 3*



# Capítulo 1



Meados de junho do ano de 1790. Eis que vamos encontrar o nosso Raul encarnado como Fernando. Fernando tinha então 20 anos e era um jovem como vários outros da sua idade naquela época. Nascido mais uma vez dentro de uma família de posses, ele dirigia a fazenda do pai. Não quisera estudar e se concentrava em cuidar das terras, auxiliando assim o senhor Alexandre. Era um bom rapaz. Viviam, então, em Portugal. As montanhas rodeavam a fazenda, o ar era sempre revigorante e o clima mais frio.

Sua mãe - dona Carmem - era uma mulher muito bonita. De descendência espanhola, tinha olhos e cabelos negros, mas apesar de ser lindíssima, o que mais chamava a atenção era a sua bondade. Ela passava várias horas costurando para oferecer roupas aos menos afortunados e sempre fazia questão de que o marido separasse um pouco da colheita para distribuir aos pobres. O senhor Alexandre - que a adorava - concordava com todas as suas iniciativas com satisfação. Na verdade, ele aprendera também a repartir o que possuía com os outros e o fazia com alegria. Todos os conheciam no povoado não pela sua fortuna, mas sim pela sua bondade.

Fernando era o filho mais novo do casal. Antes dele, vieram

Clarice e Carlos. Ela já se casara e era mãe de dois lindos meninos: Gustavo e Rafael. Vivia no povoado vizinho e vinha ver os pais regularmente, como fazia Carlos, que também já se casara e morava no povoado. Ele era médico e a sua esposa – Anna – esperava o primeiro filho.

Aos domingos, todos se reuniam para conversar e passar horas agradáveis na fazenda. Naquele tempo, as pessoas costumavam conversar e isso era considerado um programa, pois era, de fato, um evento social. Era comum que se arrumassem para os seus encontros familiares e passassem horas agradáveis reunidos. Talvez seja isso que esteja faltando nos dias atuais, pois as pessoas, em vez de conversarem, se reúnem em torno da televisão e não há diálogo, apenas eventuais comentários a respeito do que assistem. Ou, ainda, cada qual olha para o próprio celular sem ao menos notar os que estão ao seu lado.

Mas, voltando à nossa história, em um daqueles finais de semana em que todos se reuniram, o marido de Clarice, Augusto, trouxe consigo a sua irmã, Adriana, que passava alguns dias na casa do irmão. Ela era uma jovem linda, de modos delicados e grandes olhos azuis. Fernando – que havia trabalhado até aquela hora – entrou na casa todo sujo e desarrumado, e correu para cumprimentar a irmã e os sobrinhos, que o adoravam. Ao perceber que tinham visita, ficou sem jeito e a moça se divertiu ao vê-lo embaraçado. Mas o olhar de ambos se encontrou e, imediatamente, uma imensa ternura inundou os seus corações; era como se já se conhecessem e quando sorriram um para o outro, foi como se ambos tivessem esperado a vida toda por aquele momento de reencontro. Esquecendo-se de que não estava adequadamente arrumado para uma ocasião como aquela, tomou entre as suas as mãos delicadas de Adriana e beijou-as com respeito e carinho, como se beijasse as mãos de uma santa. Clarice, que conhecia o irmão como ninguém, notou imediatamente que algo diferente estava para acontecer. “Eles vão se casar em breve”, pressentiu. E esboçando um sorriso, falou:

- Meu irmão, você não quer se arrumar para o almoço?

Como que acordado de um sonho, Fernando falou:

- Com a licença de todos, volto já.

- Titio, leve-me com o senhor - pediu Rafael.

- Vamos, meu pequerrucho - disse Fernando, sorrindo.

- E eu?

- Pensou que íamos deixá-lo para trás? Venha, Gustavo.

- Nós vamos deixar o titio bem bonito para o almoço - disse o pequeno alegremente.

O três se retiraram e Clarice comentou com Adriana:

- Não lhe disse que meu irmão é um querubim? Os meninos o adoram.

Adriana sorriu e Carmem falou:

- Perdoe o meu Fernando, Adriana. Você não deve estar acostumada com moços de modos tão simples.

- Adriana não está acostumada com moços de tipo algum, mamãe - disse Clarice, rindo. - Esqueceu-se de que ela passou muitos anos em um colégio interno de freiras depois do falecimento da mãe?

- É verdade, filha. Eu havia me esquecido. De qualquer maneira, ela está acostumada com pessoas mais finas. Nós somos gente simples do campo, que não estão habituadas aos costumes da cidade.

- Por favor, dona Carmem, não me trate com tanta cerimônia. Minha família e eu somos simples também. A senhora conheceu o meu pai.

- Sim, mas vocês são bem mais...

- Não - interrompeu Adriana gentilmente. - Ninguém é tão bom e caridoso quanto vocês. Todos sabem das suas obras. Vocês são muito especiais.

As três continuaram conversando, e logo chegaram Carlos e a esposa. Após os cumprimentos, Carlos perguntou:

- Onde está papai?

- Lá fora no estábulo com Augusto. Foram ver o potro que nasceu

ontem.

- Vou até lá então.

E, dirigindo-se à mãe e à irmã, disse:

- Cuidem bem da minha Anna.

- Pode deixar. Cuidaremos dela e do meu afilhado - sorriu Clarice.

O moço se retirou e as duas cunhadas se abraçaram.

- Como tem tanta certeza de que é um menino, Clarice?

- Só penso que é - disse rindo. - Já decidiram o nome?

- Bem, gostaríamos que se chamasse Pedro se for mesmo um menino. Mas, se for menina, nós a chamaremos de Helena.

- Gostei. São bonitos nomes.

As mulheres estavam na sala quando Fernando entrou com os meninos. Um estava montado em seus ombros e o outro no colo.

- Ah, Fernando! Você mimia demais esses dois - disse Clarice, rindo.

- E, se Deus quiser, logo terei mais um para mimar. Como vai, cunhada? - Perguntou, abraçando Anna.

- Bem. E você, como tem passado?

- Muito bem! Mas vamos, sente-se que não pode se cansar.

- Você é sempre tão gentil, meu irmão. Sempre digo a Carlos que a minha maior alegria é essa família maravilhosa que ele me deu quando nos casamos.

- E você é a nossa filha querida - disse o senhor Alexandre, que ouvira o fim da conversa.

Sorrindo, Anna correu para abraçá-lo. Ela era uma moça pequena e delicada que, segundo diziam, parecia-se com a mãe, que falecera quando era ainda menina. Ao ficar noiva de Carlos, faleceu também o pai, e ela, que já amava a família do noivo, passou a dedicar-se a eles ainda mais. Foram eles que lhe ofereceram a mão amiga na hora da dor. Ela havia morado com a família do noivo até o casamento e via em Carmem e Clarice a mãe e a irmã que não tinha.

Adriana estava admirada. Jamais havia presenciado tanta demonstração de amor e carinho. Emocionou-se. Percebendo, dona

Carmem perguntou:

- O que foi, filha? Sente-se mal?
- Não, desculpe. Não é nada.
- Como não? Ninguém chora por nada.

Ela tentou sorrir.

- É só que achei tão lindo... - E começou então a chorar de verdade.

- Sente-se aqui. Vamos, conte-nos o que está sentindo.

Um pouco constrangida, ela falou:

- Talvez um pouco de tristeza por não ter vivido em meio a tanto afeto. Depois do falecimento da minha mãe, meu pai tratou logo de arranjar outra esposa e de me mandar para longe de casa. Eu era ainda pequena e a minha madrastra não queria cuidar de mim. Meu irmão já era moço e estudava fora, portanto, não iria atrapalhar. Mas eu ainda necessitava de cuidados e meu pai não teve dúvidas em me afastar. O colégio onde estudei é muito bom, e fiz algumas amizades por lá. No entanto, nunca soube o verdadeiro sentido da palavra "família".

Abraçando-a, dona Carmem falou:

- Seja, pois, muito bem-vinda à nossa família. Que, a partir de agora, ela seja sua também. Não chore, filha, dias melhores virão e você ainda há de ser muito feliz.

Nesse momento, entrou a criada perguntando se podia servir o almoço.

## Capítulo 2



Adriana se mudara para a casa do irmão e, assim, nos finais de semana, ia com ele e a cunhada visitar a família de dona Carmem. Para ela, tais visitas eram uma verdadeira festa. Pela primeira vez, sentia-se, de fato, parte de alguma coisa e se sentia cercada por corações afetuosos. Seu semblante entristecido tornara-se alegre, e essa alegria tornava-a mais bonita a cada dia. Ela era uma moça prendada; no colégio, aprendera a bordar e a cozinhar muito bem. Os sobrinhos a adoravam, pois ela, sempre sorrindo, lhes ensinava coisas novas, brincava e fazia seus pratos favoritos. Jamais Adriana havia sido tão feliz, mas, ao mesmo tempo, ela sentia uma leve ponta de tristeza quando observava Fernando. Se, por um lado, ele parecia se interessar por ela, por outro, evitava-a. Era como se ele a admirasse mas não quisesse se envolver. Durante toda a semana, ela esperava ansiosamente pela chegada do domingo, mas não conseguia nunca conversar com o rapaz, pois ele parecia fugir do seu convívio. Cada vez mais, ele parecia dar atenção somente aos sobrinhos e quando estes a chamavam para que viesse se juntar à brincadeira, ele se desculpava e ia fazer outra coisa qualquer. Dessa forma, o tempo foi passando e Adriana começou a sofrer. Aos

poucos, em sua alegria, transparecia a tristeza que ia dentro de si.

Certo dia, notando que ela chorava em um canto da sala onde costumava sentar-se para bordar, Clarice se aproximou dela, sem que fosse notada pela cunhada.

- O que foi, Adriana? Posso ajudá-la?

Adriana sobressaltou-se, pois nem se dera conta de que Clarice se aproximara.

- Desculpe-me por assustá-la.

Tentando disfarçar as lágrimas, Adriana tentou sorrir.

- Ah, não foi nada.

- Por que chora, minha querida?

- Não é nada. Nem estou mais chorando, vê? - Disse ela, levantando o rostinho triste e olhando para Clarice como a pedir-lhe socorro.

Clarice percebeu a sua tristeza e tomando-a nos braços, falou:

- Confie em mim, minha criança. Fizeram algo que a magoou? Nunca a vi tão triste.

Correspondendo ao abraço, a jovem entregou-se ao pranto e, soluçando, respondeu:

- Devo voltar para casa.

- Como!? Recebeu alguma notícia? Teu pai passa mal? O que houve?

- Não, ele nem sequer me escreve e creio que tudo esteja bem. Só que é hora de voltar.

- Não gosta mais de ficar conosco? Fizemos algo que a entristeceu?

- Ah, não pense nisso. Você é um anjo e todos têm me tratado com muito carinho.

- Então o que acontece?

- Sou eu quem quer partir. Só isso.

- Não posso aceitar tal explicação. Se não quer me contar o que a aflige, não posso obrigá-la. No entanto, creio saber o motivo da tua tristeza.

Adriana corou. Soltando-se dos braços da cunhada, olhou-a nos

olhos e perguntou:

- Como pode saber o que me vai na alma?

- Em primeiro lugar, não sou tola. Em segundo lugar, amo-a como a uma irmãzinha mais nova e cuido de você para que fique bem. Venha, vamos conversar lá fora à sombra das árvores, pois o dia está especialmente belo hoje. A brisa suave brinca entre as árvores e o sol, que logo irá se pôr, convida-nos a apreciar o espetáculo que em breve irá nos oferecer.

As duas saíram abraçadas, e sentaram-se sob uma macieira frondosa. De fato, era um lindo dia de primavera e o amplo quintal da casa estava repleto de flores, cujo perfume inebriava a todos, mostrando a bondade do Criador, que oferecia tão lindo cenário.

Tomando as mãos de Adriana, Clarice falou:

- Corrija-me se estiver errada. É Fernando a causa dessa aflição, não é?

Sentindo-se descoberta, Adriana virou o rosto sem jeito.

- Não pense que abuso da sua bondade e da confiança da sua família, que me recebe em sua casa de braços e coração abertos.

- Por que eu ou qualquer um dia nós pensaríamos tal coisa? Muito pelo contrário, fico feliz em ver que duas pessoas a quem eu tanto amo poderão talvez se unir e encontrar a felicidade.

Adriana sorriu entre lágrimas.

- Não me julga atrevida, então?

- Claro que não! Todos nós já percebemos o seu interesse por Fernando e notamos também como ele foge de você. Meus pais ficaram de falar com ele para averiguar o que se passa, pois ele parece também gostar de você.

- Seus pais?! Que vergonha. Devem me achar...

- Estão contentes e ficariam satisfeitos se tudo desse certo entre vocês.

- Jura?

- Por que eu mentiria para você?

- Sinto-me então aliviada. Preocupava-me muito com o

juízo de todos e, é claro, com o seu também.

- Tolinha! Quem por acaso disse a você que somos juízes?

As duas se abraçaram. O sol se punha no horizonte e o céu alaranjado oferecia um espetáculo magnífico. Naquele instante, uma das criadas chegou correndo e Clarice perguntou:

- O que foi, Luzia? Está ofegante! Sente-se um pouco.

- Não, senhora. Acabaram de vir da casa de dona Anna: a criança está para nascer.

- Meu afilhado! Oh, que emoção! Devo ir até lá.

- O senhor Augusto já chegou e tomou as providências. Partirão imediatamente.

## Capítulo 3



Clarice – que já tinha tudo arrumado para esse instante – prontou-se com a família e todos saíram rapidamente rumando para a casa de Carlos. Lá chegando, correram para dentro para saber das últimas notícias e encontraram-no aflito.

– O bebê vai chegar a qualquer momento!

Nesse instante, ouviram o barulho de cavalos. Eram dona Carmem, o senhor Alexandre e Fernando que vinham se juntar a eles. Abraçando a todos, Carlos falou:

– Que bom estamos todos juntos.

As mulheres correram para junto de Anna a fim de ajudar nos últimos preparativos para a chegada da criança. Logo se ouvia um choro forte de bebê: era Pedro, que viera juntar-se àquela família que já o amava tanto. No Plano Espiritual, podiam-se ver os abnegados amigos que participavam desse momento tão importante na vida de um espírito, pois reencarnar significa ter novas oportunidades e enfrentar novos desafios. Tanto no momento em que saímos do Plano Espiritual para uma nova reencarnação quanto no momento de voltar à Pátria Espiritual, somos assistidos pelos espíritos amigos que vêm em nosso auxílio para nos oferecer a sustentação da qual

necessitamos nesses dois momentos opostos da nossa existência.

As mulheres se abraçaram emocionadas ao ver o bebê. Era um garoto forte e, é claro, todos o acharam lindo, como sempre achamos lindos aqueles que queremos bem, pois os enxergamos através das lentes do amor. Anna estava um pouco fraca, mas passava bem e logo adormecia profundamente. Após receber os cuidados necessários, Pedro foi colocado perto da mãe e em pouco tempo dormia também.

As mulheres decidiram passar a noite com Anna, revezando para que todos tivessem um período de descanso. Adriana se ofereceu para ser a primeira e logo que se viu sozinha no quarto, começou a pensar na conversa que tivera com Clarice. Adriana pôs-se a imaginar como seria se viesse a se casar com Fernando. A noite ia alta e todos dormiam na casa enquanto ela, sozinha, no silêncio e à luz de uma única vela, deixava que seu pensamento corresse solto. Via-se nos campos floridos passeando de mãos dadas com Fernando. O dia estava morno e o céu completamente azul, enquanto o perfume e o colorido das flores formavam um magnífico cenário. Em um dado momento, Fernando propôs-lhe casamento, os dois se abraçaram felizes e correram para contar a novidade a todos. Ela imaginou os detalhes do casamento: a igreja, o vestido, as flores, os convidados. Pensava na alegria de viver junto de Fernando e dos seus familiares que ela aprendera a amar. Mas, logo rebateu os pensamentos dizendo para si mesma: “Que nada! Ele nem sabe que eu existo. Para ele sou somente a cunhada da sua irmã”.

E assim pensando, lágrimas vieram aos seus olhos ultimamente tão cansados de chorar. Às vezes, vinha-lhe a sensação de que conhecia Fernando há muito, muito tempo e que eles ficariam juntos, pois era assim que deveria ser. Outras vezes, parecia que ele lhe escapava das mãos como algo totalmente inacessível. Seu pensamento corria solto quando um gemido e um choro a chamou à realidade. Pedro acordara, e logo Anna acordava também. Adriana ajudou-a a se sentar na cama, oferecendo-lhe o filho para que fosse

amamentado. Anna estava cansada, mas feliz. Ambas começaram a falar sobre o bebê e quando este adormeceu novamente, Adriana o colocou de volta no berço, ao lado da sua mãe.

- Parece um anjinho, o seu filho. Como será que ele se sente? Será que percebe o amor que o envolve?

- Eu acredito que sim. Deve sentir-se amado e protegido, cercado de tantos corações afetuosos.

Adriana foi para junto de Anna, procurando acomodá-la da melhor forma possível.

- Sente-se bem, Anna, ou sente dores?

- Estou um pouco fraca e dolorida, mas certamente estarei bem em poucos dias.

- Descanse então. Vou ficar com você até que Clarice venha me substituir.

- Obrigada, minha amiga. Apesar do pouco tempo que nos conhecemos, tenho por você um grande carinho, como se fosse minha irmã. Você é sempre tão carinhosa e delicada com todos que sentimos como se sempre tivesse feito parte do nosso convívio. Sabe, é muito fácil gostar de você.

Ouvindo isso, Adriana deixou cair uma lágrima, que Anna notou, mesmo tendo a moça desviado o olhar. Nesse instante entrou Clarice, que viera para que Adriana pudesse descansar.

- Está acordada! Não se sente bem?

- Sinto-me bem na medida do possível. Pedro acordou e dei-lhe de mamar.

- Ah! Vá descansar, irmãzinha - disse Clarice para Adriana.

- Está bem.

- Por que chora, Adriana? Anna andou brigando com você? - Perguntou Clarice sorrindo, e abraçando-a. - Dorme, Anna. Acho que Adriana e eu vamos conversar um pouco.

Cansada, Anna dormiu imediatamente.

- Quer ficar comigo? - Perguntou Clarice para Adriana, que acenou um sim. - Venha, vamos nos sentar.

Ambas se sentaram sobre um *canapé* [espécie de sofá com costas e braços], e Clarice convidou:

- Deite no meu colo, vou fazer você dormir como faço com os meus pequenos. Vamos nos cobrir que está esfriando.

E assim dizendo, Clarice cobriu a cunhada que se deitava em seu colo como uma criança que busca aconchego.

- Não se entristeça mais e confie em Deus. Algo me diz que em breve você será muito feliz. Reze a Ele para que receba o que for melhor para você.

- Você é mesmo o meu anjo, Clarice.

Sorrindo, Clarice acariciava os cabelos de Adriana que logo adormecia. Já era quase dia quando dona Carmem entrou no quarto para ficar com a nora.

- Filha, vá descansar um pouco.

- Estou bem, mamãe. Cochilei também, pois a noite foi tranquila, graças a Deus.

Adriana despertou e sorriu para dona Carmem.

- Não quis ficar longe das suas irmãs, filha? Ficou mal acomodada, minha querida.

- Mas dormi bem. Havia um anjo velando por mim.

Dona Carmem e Clarice sorriram.

- Tem razão. Minha filha é mesmo um anjo. Sempre foi assim: tranquila, pronta a ajudar, alegre e muito companheira. Na verdade, agradeço muito a Deus pela família que me deu. Meus filhos são bons moços, minha filha é um anjo e Alexandre o melhor marido que eu poderia ter. Deus completou-me a felicidade trazendo todos vocês para o nosso convívio.

Adriana emocionou-se e abraçou dona Carmem, que correspondeu ao carinho.

- Filhas, vão deitar-se um pouco.

- Não, eu vou ver os meninos e me arrumar para o café da manhã.

- Vou com você - disse Adriana.

Ambas saíram deixando dona Carmem a sós com a nora e o neto

recém chegado. Lá fora, começava a amanhecer e o dia prometia ser lindo, mostrando mais uma vez a bondade do Criador para com as suas criaturas. Amigos desencarnados estavam no quarto dando passes magnéticos em Anna e no pequeno Pedro. O ambiente era de tranquilidade e de paz. Dona Carmem fez uma prece agradecendo a Deus por tantas bênçãos que recebia diariamente.

## Capítulo 4



Era sábado. Logo todos estavam à mesa para o café da manhã e a conversa corria animada, pois todos estavam contentes com a chegada do bebê. Em certo momento, os olhares de Adriana e de Fernando se encontram. Um olhou para o outro com tanto carinho que pareciam dizer um ao outro o quanto se amavam. Foi um momento muito especial no qual o Plano Espiritual esteve diretamente ligado ao fato e, por um instante, ambos puderam sentir que não era por acaso que lá estavam. Era como se por um momento pudessem se recordar de já terem estado juntos antes e de serem muito felizes. Instintivamente, um sorriu para o outro e os seus corações se encheram de júbilo. Tudo aconteceu em segundos, mas foi como se aquele momento tivesse durado horas. Clarice notou o olhar dos dois e teve então certeza de que Fernando amava Adriana tão profundamente quanto ela o amava. “Falarei com ele após o café”, pensou.

- Não acha, filho?

Fernando, que parecia estar em outro mundo, não havia escutado o pai e muito menos sabia do que falava.

- Fernando? Está sonhado acordado, filho? - Riu o Senhor

Alexandre.

- Perdão pai. Não o ouvi.

- Eu dizia a Carlos que precisamos plantar uma árvore no quintal da casa dele hoje a fim de que ela cresça junto com Pedro.

- Que boa ideia, pai. Vamos sim.

- Não dormiu bem, Fernando? Parece fora do mundo! - Comentou Augusto.

- Dormi, sim. Acho que não acordei ainda. Sonhei com um anjo a noite toda, e parece que a visão desse anjo está ainda tão viva em minha mente que quase posso tocá-lo.

- Do que está falando, meu irmão? - Perguntou Clarice. - Já terminou? Venha me contar sobre o seu sonho. Podem nos dar licença?

Clarice tomou o braço do irmão e o levou para fora da casa. Sentaram-se sob um caramanchão e ela, sentindo que o irmão queria falar, deixou-o à vontade.

- Sonhei que havia um anjo que me levava para passear e mostrou-me cenas lindas. Uma jovem cujo rosto eu não podia ver vinha ao meu encontro e dizia "Que bom poderemos estar juntos novamente. Como senti a sua falta! Porém, se você me quiser, jamais nos separaremos novamente." Foi isso. Eu a amava muito e ela a mim. Estávamos felizes.

- Está amando alguém, meu irmão? - Ao ouvir a pergunta, Fernando pareceu acordar do seu sonho.

- Por que pergunta?

- Porque quero saber. Não me julgue intrometida, por favor. Apenas tenho observado você e me parece que está sempre distante.

- Tão distante, não é? Distante como distante estou de uma estrela. Quem sou eu, mana? Um aldeão grosseiro sem estudos que traz as mãos calejadas pela enxada, que gosta de ler e de sonhar.

- Não fale assim. Você não estudou como Carlos, mas é inteligente, culto e bem educado. Qualquer moça seria feliz ao seu lado.

- Não se fosse uma moça fina, delicada, que tivesse estudado.

- Por que não?

- Eu não seria a pessoa certa. Não tenho modos elegantes; sou um homem do campo.

- Quem é ela, Fernando?

- Ela?

- Sim. Aquela que você ama.

- Não disse que amo alguém.

- Nem precisa. Conheço você muito bem. Tem andado arredio ultimamente e quando vamos à sua casa sempre arruma um jeito de ficar no seu quarto ou vai fazer algum trabalho que diz que não pode esperar pelo dia seguinte. Tem estado ausente das reuniões familiares de propósito e não está deixando que ninguém se aproxime de você para conversar.

- Não adianta conversar. Aliás, se me der licença...

Fernando fez menção de se levantar, mas Clarice segurou-o pelo braço.

- Falemos francamente, meu irmão. Você ama Adriana?

Fernando sentiu-se descoberto, como se tudo desabasse sobre si. Ele nada respondeu. Olhou a irmã com infinita tristeza.

- Por que não fala com ela?

- O que posso oferecer a uma flor como ela? Sinto-me como um tolo que quer alcançar uma estrela. Acha que posso acompanhá-la a festas sem que ela se envergonhe de mim?

- Tenho certeza que sim. Você foge tanto dela que nem a conhece. Adriana é delicada como dizes, gosta da natureza e ama os livros. Se você tivesse se dado a chance de conhecê-la melhor, saberia que vocês dois se completam. Por que não procura se aproximar um pouco? Convide-a para um passeio e procure conhecê-la. Tenho certeza de que haverá de amá-la ainda mais.

- Mas será que ela aceitará?

- Você não saberá a não ser que tente.

- Ficarei triste se ela aceitar somente para ser gentil.

- Vamos, pare de se entristecer sem saber das coisas. Convide-a

para dar uma volta pela aldeia.

Voltaram para a casa e encontraram Adriana lendo em um canto.

- Vá - encorajou Clarice.

Fernando se aproximou da moça e ficou observando-a encantado. Ela estava tão absorta na leitura que nem se deu conta da presença do rapaz, que continuava a olhá-la. De repente, ela olhou para ele e se assustou.

- Perdoe-me por assustá-la.

Ela sorriu sem nada dizer e ficou olhando para ele com carinho.

- Quer passear? - Convidou quase sem perceber.

Ela não conseguia acreditar no que ouvia: esperara tanto por aquele momento e agora que chegara estava sem palavras. Teve vontade de gritar que sim, de pular de alegria, mas estava tão surpresa que não conseguia falar. Somente acenou um "sim" com a cabeça. Ele então lhe ofereceu o braço e ambos saíram. Clarice, que estava na varanda, os observava de longe e torcia para que tudo desse certo. Ela viu quando Fernando tomou a charrete, ajudou Adriana a subir e se sentou ao lado dela. "Foram feitos um para o outro", pensou contente. "Que Deus os abençoe".

## Capítulo 5



Adriana e Fernando estavam tão felizes por estarem um ao lado do outro que nem conseguiam falar. Às vezes, olhavam-se longamente e sorriam, deixando que todo o amor que traziam dentro de si falasse por ambos. Pelo caminho, havia uma linda paisagem florida com uma pequena cachoeira e Fernando então convidou:

- Quer parar um pouco?

- Sim - respondeu ela.

Ele a ajudou a descer e quando suas mãos se tocaram, Fernando lembrou da conversa que tivera com a irmã.

- Desculpe-me - disse um tanto envergonhado.

- Por quê?

- Minhas mãos. Não são delicadas como as de Augusto ou de Carlos.

Tomando as mãos dele entre as suas e olhando-o nos olhos, disse:

- Deve se orgulhar das suas mãos. Elas pertencem a um homem digno e trabalhador. O que seria das pessoas se não houvesse mãos que plantassem e que colhessem?

Fernando olhou para ela surpreso. Sempre tivera a impressão de que Adriana era uma boa moça, mas mimada e delicada demais.

Achava agora que Clarice estava certa e prometeu a si mesmo que se daria uma chance de conhecer Adriana melhor e, talvez, de ser feliz. Ele lhe ofereceu o braço e ambos caminharam em direção à cachoeira. Lá perto, havia uma árvore carregada de flores.

Resolveram sentar-se sob a mesma e logo começaram a conversar.

- O que está lendo? - Perguntou Fernando

- Um livro de poemas.

- Ah, gosta então de poemas?

- Sim, e de romances. Principalmente daqueles que têm algo para nos ensinar. Sempre gostei muito de aprender.

- Eu não sou uma pessoa que estudou muito, porém, gosto também de leitura. Leio tudo que me vem às mãos sempre na esperança de aprender um pouco mais.

Adriana sorriu. Ela também gostava de ler tudo o que lhe vinha às mãos.

- Acredito que goste também da natureza - disse ela, sorrindo.

- Amo. Foi por isso que escolhi ficar aqui na fazenda e ajudar o meu pai. Gosto do cheiro do mato e da terra. Acho interessante ir à cidade, mas não gostaria de lá morar. Penso que você prefere a cidade, não? É uma moça fina e delicada, acho que não gostaria de viver no campo.

- Engano seu, Fernando.

Ele pareceu ser transportado a outro mundo quando ouviu Adriana dizer o seu nome. Afinal, que tipo de reminiscência ele sentia em relação à moça? Por um lado, sentia-se amado por ela, por outro, sentia-se um pouco inferior por ser um homem rude do campo. A voz dela tirou-o dos seus devaneios.

- Fernando, está me ouvindo?

- Como?

Adriana riu e disse:

- Está sonhando acordado? Eu dizia que no campo me sinto mais feliz e mais perto de Deus. A natureza nos dá uma ideia melhor da grandeza do Ser que nos criou e, também, da Sua bondade e do Seu

amor.

- Verdade que pensa assim?

- Sim, Fernando. É assim que penso. Quando estava no colégio interno, sentia muita saudade da vida na fazenda e foram muitas as noites em que dormi chorando, pois me sentia muito só longe de casa. Quando estava muito triste sempre ouvia minha mãe me dizendo: "Coragem, filha querida. Deus há de permitir que você ainda seja muito feliz. Confie sempre e procure seguir os passos de nosso Senhor Jesus Cristo, pois todo o amor que Ele nos ensinou com certeza nos trará dias melhores". Muitas vezes, adormecia e sonhava com ela me abraçando e me encorajando. Falava-me sempre do amor que tinha por mim e de como ela nunca me abandonaria.

- Você ainda fala com ela?

- Às vezes. Mas não pensa que sou louca, não é?

- Claro que não. Muitas vezes, eu vejo meus avós e outras pessoas amigas que já morreram. Só não gosto de comentar com os outros, pois me julgarão maluco.

Ambos riram e Adriana falou:

- Será então esse um segredo só nosso.

- Nunca contou isso a ninguém?

- Não. Somente você e Clarice sabem disso.

Fernando riu.

- Pois então, Clarice, é como um vigário a ouvir as nossas confissões. Ela é a única para quem contei sobre isso também.

Os jovens riram. Fernando convidou:

- Quer andar um pouco ou prefere ir embora?

Sem pensar ela falou:

- Quero ficar aqui para sempre.

Fernando olhou-a com imenso carinho e disse:

- Eu também.

Adriana corou, pois só agora se dera conta de que havia falado demais. Baixou os olhos e começou a chorar.

- O que foi, Adriana? Se a ofendi, rogo que me perdoe. Por favor,

diga alguma coisa. Vê? Sou mesmo um chucro!

- Não diga isso, acho que me emocionei. Só isso! Estou muito feliz por estar aqui com você, nunca me esquecerei desses momentos.

Secando as lágrimas da moça, Fernando falou:

- Nem eu.

O olhar de ambos transmitira aquilo que ia em suas almas.

Fernando quebrou o silêncio e falou:

- Não sei o que acontece, mas é como se já conhecesse você há muito tempo.

- Verdade? Tenho a mesma sensação.

- Perdoe o meu atrevimento, mas prefiro ser sincero. Se nunca mais quiser falar comigo, é direito seu. Devo, porém, confessar que amo você de todo o meu coração, desde o primeiro dia em que a vi. Você é especial e querida e eu nem mesmo sei a razão.

Adriana chorava de alegria.

- Fernando, querido, também amo você. Muito. Quando o vi pela primeira vez, foi como se tivesse reencontrado você. Minha mãezinha sempre me dizia que eu haveria de encontrar a felicidade e eu sempre achei que poderia ser feliz de fato quando encontrasse alguém a quem eu amasse e que me amasse também.

Fernando sorriu um sorriso largo, e disse:

- Você faz de mim o homem mais feliz do mundo. Aceita se casar comigo e viver na fazenda?

- É tudo o que mais quero - respondeu a moça.

Ele a abraçou e beijou com ternura. Ambos estavam extremamente felizes. Fernando puxou-a pela mão e correram como crianças, rindo muito.

- Vamos, quero contar a todos. Tenho certeza de que ficarão felizes, pois amam muito você.

Abraçados, caminharam até a charrete e voltaram felizes para a casa de Carlos e Anna.

Fernando procurou um por um na casa, pedindo para que se reunissem no quarto de Anna. Em pouco tempo, todos estavam

reunidos. Anna estava um pouco abatida, mas bem disposta. Foi ela quem perguntou:

- Cadê Adriana?

Ela mal acabara de falar quando Adriana entrou de braços dados com Fernando.

- Estou aqui, Anna.

- Fale logo, Fernando. O que quer nos contar? - Perguntou Clarice.

- Bem, mana. Na verdade, acho que é algo que vai deixar todos muito contentes.

- Pare de suspense, filho - pediu dona Carmem.

- É que Adriana e eu descobrimos que nos amamos e queremos nos casar.

- Que bom! - Disse Clarice, batendo palmas.

Os dois foram abraçados por todos que, de fato, ficaram muito contentes.

- Ficaremos noivos hoje à noite na hora do jantar e quando Pedro completar um ano, nós nos casaremos. O que acham?

Todos acharam excelente a ideia. Pedro, que estava dormindo, começou a chorar.

- Acho que meu sobrinho tem fome - disse Clarice. - Venha, vamos cuidar dele, Anna.

- Com licença, vamos todos nos retirar então - disse o Senhor Alexandre, sorrindo.

As moças permaneceram no quarto cuidando do recém-nascido e todos saíram comentando sobre os acontecimentos. Embora nem o almoço estivesse pronto ainda, dona Carmem já pensava em fazer um jantar especial de noivado. O jantar seria às 19 horas e todos se arrumaram da melhor maneira possível para a comemoração. Logo, chegava Anna de braços dados com Fernando e Carlos. Todos aplaudiram a sua chegada.

Sentaram-se à mesa, e o senhor Alexandre convidou:

- Façamos as nossas orações para que nosso Pai que estás nos céus abençoe-nos a todos e proteja sempre este lar. Que o pequeno Pedro

possa crescer em meio a muito amor e ser sempre a alegria de todos que o rodearem. Rogamos ainda pela felicidade de Clarice, Augusto e seus filhinhos. Que eles continuem sendo felizes e se amando, enchendo nossos corações de alegria. Rogamos, também, para que o Mestre Jesus envolva Adriana e Fernando para que ambos tenham muitas alegrias em suas vidas, e para que os obstáculos possam ser sempre superados pela grandeza do seu amor. Por fim, agradecemos, Carmem e eu, por termos sido presenteados com tão linda família, por todos nos amarmos tanto e por vermos todos os nossos amados felizes. Que Deus nos acolha a todos hoje e no instante de nossa partida para um outro mundo. Que assim seja!

A linda prece do Senhor Alexandre emocionou a todos. Sem que eles vissem, amigos do Plano Espiritual os envolviam com muito amor, desejando a todos muita felicidade. Conversavam todos animadamente, quando entrou a cozinheira perguntando a dona Carmem se podia servir o jantar.

- Filha, a dona da casa está presente. É a ela que deves perguntar.

- O que é isso? - disse Anna. - A casa é toda sua.

- Não, querida, é necessário que sempre respeitemos os limites que a boa educação nos ensina. Na sua ausência e com o seu consentimento, posso até dar alguma ordem. No entanto, desde que você esteja apta a fazê-lo, é o seu dever e o seu direito fazê-lo, desde os assuntos mais simples, até aqueles que requeiram um pouco mais da sua atenção.

- A senhora não existe! - Disse a moça, sorrindo.

- Sim, Joana, pode servir o jantar - respondeu Anna à cozinheira, que, ouvindo a tudo, pudera entender ainda melhor o motivo pelo qual aquela família vivia em harmonia: ali reinava o amor, e o profundo respeito pelo próximo.

A cozinheira, emocionada, respondeu:

- Pois não, senhora - e fez menção de sair, quando Anna perguntou:

- Está se sentindo bem, Joana?

- Sim, senhora.

- Por que está chorando?

- Ah, perdoem-me. São coisas de velha boba! Fico comovida ao ver uma família que se dá tão bem. Eu que nunca tive família, em meus sonhos, sempre imaginei ter uma família assim.

Dona Carmem se levantou e abraçou a cozinheira com ternura.

- Pois agora tem a todos nós, que a queremos muito bem. Embora não seja a mesma coisa, somos como a sua família e você haverá de envelhecer junto de nós, que cuidaremos sempre de você.

- Obrigada, dona Carmem - disse a cozinheira, retribuindo o abraço.

Joana havia trabalhado sempre na casa da família. Quando se casou, Carlos - que a chamava de madrinha - pediu aos pais se ela poderia ir morar com ele e Anna. Os pais consentiram de imediato, e Carlos pediu a Joana que fosse para fazer companhia a Anna na sua ausência. Joana, porém, disse que gostaria de continuar cuidando da cozinha e Carlos concordou por saber o quanto ela gostava do seu trabalho.

O jantar foi servido e todos puderam perceber que naquela noite tudo estava ainda mais especial. Elogiaram Joana e dona Carmem, e Carlos fez questão de que Joana se sentasse com eles para comemorar o noivado de Adriana e Fernando. Após o jantar, Fernando ofereceu à Adriana um lindo anel, o que surpreendeu a todos, pois tudo havia sido resolvido às pressas.

- Como conseguiu um anel de noivado hoje?

- Já faz algum tempo que o comprei para Adriana. Não tinha então esperança de dá-lo a ela um dia, pois me faltava coragem de dizer a ela que a amava. Vê, o anel tem uma pedrinha que é da cor dos olhos de Adriana.

Adriana mostrou a todos a pedra azul do anel que tinha, de fato, o mesmo azul dos doces olhos da jovem.

## Capítulo 6



O tempo correu célere, e logo um ano havia se passado. Em alguns dias, Pedro completaria seu primeiro ano de vida e já era um menino esperto, doce, alegre e muito amoroso. Alegrava a todos com a sua vivacidade e os primos Gustavo e Gabriel gostavam muito de brincar com o pequeno.

Durante todo o ano que se passara, Adriana bordou o seu enxoval com a ajuda das cunhadas. Foram muitas as vezes em que elas se reuniram para bordar e para fazer compras. Conforme combinado, Adriana e Fernando iriam morar na fazenda após o casamento. Dona Carmem insistiu para que eles ocupassem outra casa, a fim de terem o seu próprio espaço, então decidiram morar na casa ao lado da casa grande que havia pertencido aos avós de Fernando.

O ano todo foi dedicado aos preparativos para o casamento. A festa seria pequena e apenas alguns amigos mais íntimos seriam convidados. Adriana e Fernando não conheciam muitas pessoas, pois eram bastante reservados. Assim, logo ficou pronta a lista de convidados. Os presentes começaram a chegar e os noivos estavam felizes e ansiosos para a chegada do grande dia. O pai de Adriana e a madrasta também viriam para o casamento.



O dia especial finalmente chegou. A igreja estava enfeitada com flores e laços brancos, porém, a flor mais linda de todas era a noiva, que trazia estampada no rosto a felicidade que transbordava do seu coração. O pai de Adriana trazia a filha para oferecê-la àquele com quem ela dividiria a sua vida a partir de agora. Embora ele tivesse sempre sido um pai ausente, Adriana ficou feliz por ele ter vindo e ele também se sentiu feliz por participar de um momento tão importante na vida da filha. O Plano Espiritual estava também em festa, e muitos amigos compareceram para comemorar a união daquelas duas criaturas que, embora não soubessem, tinham diante de si uma nobre e importante tarefa.

Nem é preciso dizer que tudo correu às mil maravilhas e que o casamento foi lindo e emocionante. Clarice e Augusto foram os padrinhos de Fernando, e Anna e Carlos foram os padrinhos de Adriana. Os meninos, Gustavo e Gabriel, entraram na igreja cada um carregando uma aliança.

Estavam presentes todos os criados das três casas, pois a família tinha neles grandes amigos e colaboradores. Todos estavam com a família havia muitos e muitos anos. Para a festa do casamento, foram contratados outros trabalhadores, a fim de que os da casa pudessem aproveitar a festa. Houve música e muita alegria. O dia seguinte, que era domingo, encontrou a todos cansados, mas satisfeitos.

## Capítulo 7



A vida transcorria calmamente, quando, num domingo após o almoço, Fernando anunciou que ele e Adriana trariam um novo membro para o convívio da família. Todos ficaram muito contentes com a notícia e logo começaram os preparativos para a chegada do bebê. Havia somente um problema: não sabiam a quem escolher para padrinhos. Ambos queriam os dois casais: Anna e Carlos, e Clarice e Augusto. Decidiram então conversar com dona Carmem.

- Mamãe, nós sabemos que a senhora e papai acham que os mais jovens devem ser padrinhos. Se assim não fosse, certamente a senhora e papai seriam os nossos eleitos. Agora, nós não sabemos a quem escolher: ambos gostaríamos de escolher tanto Anna e Carlos como Clarice e Augusto. Como não podemos escolher dois casais, não sabemos o que fazer.

- Bem, a decisão deve ser de vocês e eu não gostaria de interferir. Seu pai e eu somos padrinhos de Gustavo e você e eu somos padrinhos de Gabriel. Quando Clarice e Augusto nos convidaram, nós aceitamos porque você e Carlos ainda não haviam se casado e nem tinham namoradas.

- Clarice e Augusto são padrinhos de Pedro. Anna e Carlos não

têm afilhados – disse Fernando. – Mamãe, a senhora acha que Clarice e Augusto ficariam tristes se...

– Claro que não! Acho a ideia perfeita! – Era Clarice que havia ouvido o final da conversa, pois chegara sem ser notada.

– Você estava aí, filha?

– Não, mamãe. Acabei de chegar – disse ela, beijando a todos. – Vim trazer algumas pecinhas para o enxoval do bebê e ouvi o final da conversa. Mano, deixe de ser infantil: acha mesmo que Augusto e eu ficaríamos melindrados por vocês chamarem Anna e Carlos para padrinhos? Eles certamente ficarão muito felizes.

– Mas o próximo bebê é nosso, não é Fernando?

– Certamente – disse Fernando, abraçando a irmã.

Anna e Carlos ficaram muito felizes ao receberem o convite para serem padrinhos do bebê. Anna se emocionou muito, pois sendo ela uma pessoa que havia sempre sido tão só, sentia-se muito especial por confiarem a ela uma criança. Fernando e Adriana abraçaram-na com carinho, e Adriana falou:

– Você é a nossa irmã querida e nada mais justo do que dividir o bebê conosco.

Naquela família, levava-se muito a sério o compromisso de apadrinhamento. Eles, de fato, assumiriam o papel de pai ou mãe caso fosse necessário por algum motivo e era justamente por isso que dona Carmem e o senhor Alexandre preferiam que os padrinhos fossem mais jovens. Os meninos de Clarice eram os mais velhos e, como brincava dona Carmem, pretendiam esperar pelo menos que eles se casassem para morrer. Contudo, não sabiam se teriam tempo para esperar os menores crescerem tanto assim.

Assim, na primavera do ano seguinte, chegava Carla, uma criança tranquila, de olhos claros como os da mãe. Foi uma festa para todos, inclusive para os meninos, que gostaram da ideia de ter uma priminha.



O tempo passou e Carla foi crescendo. Tinha lindos cachinhos claros, a pele aveludada, suas bochechas eram coradas e ela era muito alegre.

Dias se tornaram semanas, que se tornaram meses, que se tornaram anos. Ao completar 3 anos, Carla ganhara mais uma irmãzinha, que se chamava Roberta e, conforme combinado, seria afilhada de Clarice e Augusto. Porém, Roberta, desde pequena, mostrou-se uma criança frágil que adoecia com facilidade. Ela tinha os traços de Fernando. Seus olhos eram claros como os da mãe, porém, os seus cabelos eram escuros como os do pai, e o seu rostinho lembrava Fernando em todos os detalhes. Apesar da saúde frágil, Roberta cresceu feliz e cercada de carinho. Quando a menina completou dois anos, nasceu o segundo filho de Anna e Carlos. Ele se chamaria Francisco, em homenagem ao Santo de Assis. Dessa vez, Adriana e Fernando seriam os padrinhos.

Em um domingo após o almoço, as crianças brincavam enquanto os adultos as observavam da varanda. Tudo parecia correr dentro da normalidade quando as crianças resolveram brincar de pega-pega. Foi um corre para lá e para cá e a algazarra dos pequenos alegrava a todos. Mudaram, então, a brincadeira.

- Vamos brincar de esconder - sugeriu Gabriel.

- Vamos! Concordaram todos.

Tudo ia muito bem até que Roberta resolveu se esconder no alto do muro. Embora ela estivesse habituada a subir nos lugares, aquele muro era mais alto do que os outros. Quando Adriana percebeu que a pequena estava no alto, foi até ela para convidá-la a descer. A menina, porém, não viu que a mãe se aproximava, mas viu que Gustavo estava vindo em sua direção. Com a intenção de se esconder ainda mais, a menina se desequilibrou e caiu ao mesmo tempo em que a mãe estava bem pertinho dela. Adriana correu em

direção à filha que estava sem sentidos. Gustavo, que se aproximava, correu até onde elas estavam, e gritou:

- Tia, o que aconteceu?

- Que bom que está aqui, meu filho! Corra para chamar ajuda, pois Roberta caiu e está desacordada.

Rapidamente, chegaram Fernando e Augusto, enquanto Carlos e o senhor Alexandre foram buscar Doutor Freitas, o médico da família. Logo, chegaram também as mulheres e as crianças. Adriana chorava julgando morta a sua filha.

- Calma, ela está só desacordada - disse Fernando. - Vamos levá-la para casa.

Todos o acompanharam, e logo a menina estava acomodada em sua cama. O Doutor Freitas não tardou a chegar e foi logo encaminhado para junto da criança. Enquanto a menina era examinada, todos se reuniram na sala e fizeram preces para que Roberta recebesse o auxílio necessário. O Plano Espiritual acolhia as preces com carinho e espíritos simpáticos lá estavam para intuir o médico a fim de que ele fizesse o diagnóstico mais acertado. A luz que emanava das vibrações de amor saídas daqueles corações inundava todo o ambiente que se tornara tão claro como se a luz do sol houvesse ali penetrado. Uma equipe de médicos espirituais juntara-se ao grupo de socorro, aplicando passes magnéticos e manuseando energias. Um dos médicos falou:

- Essa criança não andarà mais. Vejam! E mostrou a todos que um dos ossos da coluna da menina havia se partido.

- Não há nada que possamos fazer? Ela não deveria ficar paraplégica, segundo os planos traçados no Plano Espiritual - perguntou aquele que era o anjo guardião de Roberta,

- Nós não a deixaremos ficar paraplégica. No entanto, a sua recuperação será lenta, a fim de que os familiares, principalmente os pais, sintam a necessidade de auxiliar o próximo de forma mais direcionada.

- O que o irmão quer dizer? - Perguntou outro espírito.

- Muitas vezes, na verdade na maior parte das vezes, nós somente pensamos no sofrimento alheio quando o sofrimento nos atinge também. Se estamos bem, não percebemos a dor alheia: é necessário despertar para começar a auxiliar os outros. - Os amigos espirituais continuaram conversando, enquanto o Doutor Freitas examinava a criança.

Ao terminar, ele balançou a cabeça e disse:

- Aparentemente ela está bem, mas parece que a queda provocou uma inconsciência temporária. Vamos aguardar mais um pouco para ver se ela acorda. Se me permitirem, ficarei até o anoitecer para aguardar que ela desperte.

- Claro, Doutor, é sempre bem-vindo ao nosso lar - respondeu Adriana, enxugando as lágrimas.

Adriana, Anna, Clarice e dona Carmem ficavam velando pela menina em oração. No Plano Espiritual, continuava o trabalho. O médico que havia falado que Roberta não andaria mais, aproveitou o momento de elevação das mulheres através da prece sincera para juntamente com a equipe submeter a menina a uma delicada cirurgia. O perispírito de Roberta foi levado por outra equipe que explicou à menina que a sua recuperação seria lenta e que ela deveria sempre se lembrar de que existem muitas crianças sem afeto e sem cuidados, e, ainda, que ela deveria sempre agradecer por tudo aquilo que lhe fora dado, bem como auxiliar outras crianças naquilo que lhe fosse possível. Os médicos do Plano Espiritual haviam terminado o seu trabalho, e pouco depois, Roberta acordava como quem desperta de um longo sono. Ouviu as orações e chamou:

- Mamãe!

Ao ouvirem-na chamar, as mulheres, juntas, correram para o seu lado.

- Como está? - Perguntaram todas ao mesmo tempo.

A menina riu:

- Parecem ter ensaiado. Todas chegaram juntas e todas falaram juntas.

Todas riram.

- Estou bem, mas sinto dor na cabeça.

- Não se mexa, meu bem. Vou chamar o Doutor Freitas - disse Clarice.

O médico, que estava na sala, recebeu a notícia com alegria e dirigiu-se ao quarto.

- Como está, pequena flor?

- Olá, Doutor Freitas! Me dói a cabeça.

- É natural, pois levou um tombo daqueles. Isso foi peraltice!

- É verdade - consentiu a menina, que mais parecia um anjo.

O médico não quis alarmar ninguém até aquele instante. Porém, agora pediria à menina que tentasse mover as pernas. Ficara nele a preocupação de que o tombo houvesse afetado algum órgão ou movimento. É necessário nos lembrarmos de que, naquele tempo, não dispúnhamos dos recursos que temos hoje, o que dificultava o diagnóstico. O Doutor Freitas, porém, estava sendo intuído pelos amigos do Plano Espiritual e sendo ele também um espírito bastante bom e esclarecido, captava as instruções dadas pelos amigos espirituais com grande facilidade. Em pouco tempo, após um novo exame, pronunciou um diagnóstico preciso:

- Levará algum tempo para que a menina volte a andar. Na primeira semana, ela deverá ficar em repouso absoluto e não deve sair dessa posição, a fim de que a sua recuperação seja mais rápida. Após esse período, ela poderá começar a se sentar, porém, um pouquinho de cada vez. Eu virei vê-la todos os dias e as instruções serão dadas de acordo com o progresso do tratamento.

Ao receber a notícia, todos, inclusive as crianças e os empregados, abraçaram-se, e o comentário era um só:

- Que bom!

Em nenhum momento houve qualquer tipo de revolta ou descontentamento. No Plano Espiritual, também a alegria era geral, e os amigos partiram para novos afazeres, como em seguida fizeram também os encarnados. A recuperação lenta de Roberta seria uma

benção, pois daria a todos a oportunidade de agradecerem a Deus pela Sua infinita bondade e misericórdia, dando também oportunidade para que se meditasse sobre o assunto.

## Capítulo 8



O tempo passou rapidamente, e já fazia um ano que Roberta sofrera o acidente. A cada dia, ela mostrava um pequeno progresso. Ainda caminhava com um pouco de dificuldade, mas se recuperava a olhos vistos. Uma noite, após colocarem-na em sua cama, Adriana e Fernando foram para a varanda conversar.

- O que quer falar comigo, Adriana?

- É que eu estava pensando em quantas pessoas sofrem sem terem qualquer tipo de auxílio, seja da família ou de amigos. Acredito que devemos fazer algo em benefício daqueles que necessitam, criando condições para vida mais feliz.

- Mas você já ajuda mamãe em suas obras de caridade. O que poderia ser acrescentado a isso?

- Penso que poderíamos organizar eventos para arrecadar dinheiro a fim de construir um hospital aqui na nossa cidade, para atender especialmente os mais necessitados. É claro que teríamos que contar com o auxílio voluntário de alguns médicos.

- Mas que boa ideia!

Ambos continuaram fazendo planos até bem tarde. No dia seguinte, seria o evento familiar semanal e eles aproveitaram para

expor as suas ideias aos outros. Foram dormir, já sonhando com o número de pessoas que teriam as suas dores aliviadas. O dia amanheceu claro e ensolarado. O céu, de um azul maravilhoso, quase não apresentava nuvens. A brisa fresca acariciava o capim, as flores, as folhas das árvores. A natureza, sempre bela, parecia abençoar o dia que se iniciava e logo todos chegavam à casa de dona Carmem para o almoço de domingo. A cada domingo, a família se reunia em uma das casas, tendo assim a oportunidade de falarem sobre os assuntos da semana e deixarem os primos brincarem à vontade. Após o almoço, reuniram-se todos na varanda, e o senhor Alexandre falou:

- Creio que estamos todos curiosos para saber o que vocês têm a nos dizer. Será que vou ser avô novamente?

- Não, papai - disse Fernando, sorrindo. - É que depois da doença de Roberta, Adriana se pôs a pensar na dificuldade que atravessam aquelas pessoas que não dispõem de recursos para tratar dos seus enfermos, e assim teve a ideia que nós gostaríamos de expor a vocês.

Falaram então sobre o hospital, e todos se empolgaram com a ideia. Logo, faziam planos e de lápis e papel na mão, e já agendavam eventos e datas a fim de arrecadarem dinheiro. A família possuía terras, e logo ficou acertado que um lote próximo ao centro da aldeia seria destinado à construção do hospital. Outra propriedade que ficava em outra aldeia e não era de interesse particular de nenhum deles seria vendida e, com o dinheiro, começariam a construção. Dividiram as tarefas e, naquela mesma semana, a propriedade foi colocada à venda.

Passaram-se poucas semanas, e a propriedade foi vendida. Já de posse da planta do futuro hospital, começaram as obras. Em pouco tempo, as mulheres organizavam chás e a venda de prendas doadas e feitas por elas próprias ajudava a comprar o material. Muitas pessoas da região ofereciam também a sua contribuição. Muito ou pouco sempre ajudava e tudo era registrado em livro próprio, e o balanço era mostrado a todos que contribuía. Assim, o hospital foi

levantado rapidamente. Quando estava em fase de acabamento, a família vendeu outra propriedade distante a fim de comprar os móveis, lençóis e tudo o mais que fosse necessário.

Passado mais algum tempo, era inaugurado o “Hospital da Comunidade”. Ele fora construído com tanto amor que todos se sentiam bem ao chegarem lá. Dentro do hospital, o clima era de amor, cooperação e harmonia e tudo era sempre muito limpo e bem organizado. O Plano Espiritual encontrava ali um posto de socorro eficiente, onde podiam trabalhar conseguindo sempre o melhor resultado, mesmo na hora em que alguém falecesse, pois no ambiente sempre havia muita oração. As pessoas se sentiam parte daquele local, o que fazia tudo se tornar mais fácil, já que os pensamentos emitidos eram sempre de amor.

Durante esse período, Roberta se recuperou completamente. A vida prosseguia para todos. Passaram-se os anos, e um dia, o senhor Alexandre foi chamado ao Plano Espiritual. Seguiram-no dona Carmem, Clarice, e assim um a um foram retornando à pátria de origem. Seus descendentes continuaram o trabalho que eles haviam começado e, do Plano Espiritual, cada qual contribuía como lhe era possível para que tudo acontecesse sempre da forma mais tranquila possível. Assim, não só Adriana e Fernando, mas todos os seus familiares cumpriram a nobre missão e levaram consigo boas lembranças daquela encarnação.

## Epílogo



O tempo passara dos dois lados e vemos dez anos depois Raul, dona Vânia e Estela chegando à casa de Marina para festejarem o aniversário de Bianca. Mário estava noivo e deveria se casar em um ano. Terminara a faculdade com a ajuda das avós e era engenheiro. Tinha agora 24 anos e já conseguira comprar uma casa perto da casa da mãe. Leonardo cursava direito e queria se especializar em causas trabalhistas.

- Será que estou atrasada?

- Não, filha, chegou bem na hora.

Era Marta, que vinha também participar da comemoração do aniversário da filha.

- Viram como Bianca está bonita? Acho que ela se parece com Marina.

- É verdade. Tem o jeito da mãe que a adotou no seu amor. Mas, os olhos são seus e, também, o sorriso.

Marta sorriu. Logo Marina e os filhos estavam reunidos na sala. Eram quatro horas da tarde de um sábado e o dia estava lindo. Abriram o “Evangelho Segundo o Espiritismo” e Mário leu sobre os laços de família.

*Os Espíritos reúnem-se e formam famílias, induzidos pela identidade de progresso moral, semelhança de gostos e de afeições. Esses mesmos Espíritos, nas suas migrações terrenas, procuram-se para se agrupar, como faziam no espaço, originando-se as famílias unidas e homogêneas. Se, nas suas peregrinações, ficarem temporariamente separados, mais tarde eles se reencontram, felizes com seu novo progresso. Entretanto, como não devem trabalhar apenas para si mesmos, Deus permite que Espíritos menos avançados venham encarnar entre eles a fim de receberem conselhos e bons exemplos para progredirem. Causam, por vezes, perturbações no ambiente, mas é aí que está a prova a executar. Recebei-os como irmãos; ajudai-os e, mais tarde, no mundo dos Espíritos, a família se alegrará por ter salvado alguns náufragos, que, por sua vez, poderão salvar outros.*

***(Capítulo 14, Honrai vosso pai e vossa mãe. A ingratidão dos filhos e os laços de família)***

Emocionada, Bianca sentou-se no colo da mãe.

- Nunca vou me esquecer da sua bondade e a de todos, acolhendome como uma pessoa da família. Tenho certeza de que minha mamãe Marta é também muito grata a todos por tudo aquilo que têm feito por mim.

Bianca abraçou os rapazes, que corresponderam com carinho fraterno.

- Você, minha florzinha, veio alegrar e iluminar os nossos dias. Veio também encher de vida os corações das vovós que partiram recentemente - disse Mário, emocionado.

- Sem você, nós nunca saberíamos como é ter em casa uma menina. Você nos trouxe doçura e fez com que nós aprendêssemos que é bom poder cuidar de alguém tão frágil. Quando você veio, recém-nascida, nós ajudamos a cuidar de você e isso fez com que nós

aprendêssemos a ter mais responsabilidade e foi com você que aprendemos a repartir. Na verdade, nós é que temos muito a agradecer a você.

Estavam os quatro abraçados e puderam sentir a vibração dos desencarnados que haviam também se emocionado com a demonstração de carinho e amor.

- Mamãe, eles estão aqui, não estão?

- Sim. Creio que todos nós estamos sentindo a presença dos nossos amados. Acho que devemos aproveitar para agradecer a cada um por tudo aquilo que tem feito por nós, enviar a eles o nosso amor e carinho, e dizer também o quanto nós os amamos.

- Mamãe Marta, obrigada por ter me deixado nascer. Vovó Estela e vovó Vânia, obrigada por terem ajudado a me criar. Papai Raul, obrigada por dividir comigo a sua família e por me amar como filha.

Para alguém que pudesse ver, a casa estava tão iluminada que chegava a brilhar. Era tão intenso o amor naquelas criaturas e a bondade que emanava dos seus corações, que quase se podia tocar tudo isso. A vida prosseguiu dos dois lados, e todos procuraram cada vez mais aprender a amar ao próximo como a si mesmo, e a colocar em prática a caridade ensinada pelo Mestre Jesus.

A morte do corpo físico jamais separa aqueles que se amam, pois estão unidos por um elo de amor. Creiamos nessa verdade, e nas verdades deixadas pelo nosso Mestre, seguindo as Suas pegadas a fim de que um dia nos tornemos completamente bons. Chegará o dia em que haveremos de habitar mundos felizes, onde não haverá dor, doença, nem qualquer tipo de sentimento negativo. Trabalhem, unindo as nossas forças, para que esse dia não demore a chegar!



Esta edição eletrônica foi  
diagramada na Editora Letra Espírita  
(22) 2738-0184, Campos dos Goytacazes-RJ. O  
texto foi composto em Book Antiqua e os títulos  
em MonteCarlo Regular.

Outubro 2021